

np

ANO IX — 1967 — N° 9/8 — NCR\$ 0,70

Agosto 1967

UMA ESTRADA
PROCURA
SEU DESTINO

Clodimar
6 e 7

PARANAGUÁ, A CAPITANIA
PROVISÓRIA

O HOMEM, A COBRA
E O MAR DE LAMA

DIV. PATR. HIST. E CULTURAL - MARINGÁ - PR

VOCÊ
CONHECE
GUAIRA?

Qual o primeiro pôrto brasileiro aprovado no “teste de investimento” do BID?

PARANAGUÁ

É com orgulho que anunciamos esta vitória. Nosso “Plano de Expansão e Melhoramentos”, a ser realizado até 1969, aplicará 11,9 milhões de dólares em dragagens, ampliações do cais geral e de combustíveis e construção de silos para cereais. O Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, aprovou nossos projetos e já contratou os financiamentos necessários à realização das obras.

Este é o primeiro programa portuário financiado pelo BID no Brasil. É o segundo da América Latina. O esforço que estamos desenvolvendo é a resposta ao desafio de uma vasta região continental, ávida de progresso — incluindo a República do Paraguai, para a qual somos “pôrto livre”. Estamos orgulhosos. Estamos cumprindo um programa de governo — do Governo do Estado do Paraná, e do Governo Federal, através do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis do Ministério da Viação e Obras Públicas. E estamos realizando a nossa vocação geográfica de grande pôrto da região Extremo-Sul brasileira.

Prefeitura do Município de Marimbá
SEC. DE CULTURA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DE

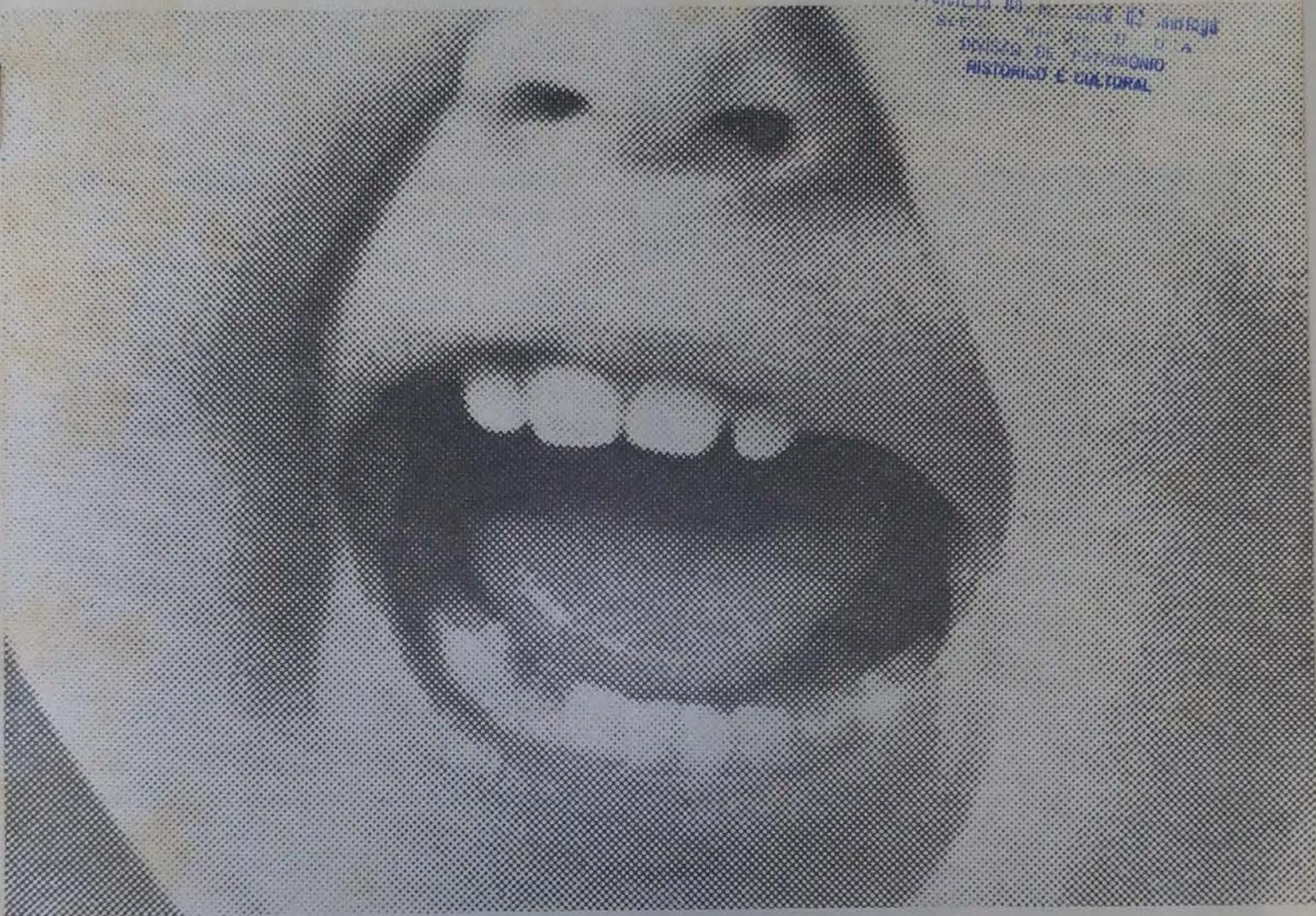
PARANAGUÁ E ANTONINA

Paranaguá - Paraná
Escritório em Curitiba - Edifício ASA
Rua Voluntários da Pátria 475, 1º andar, sala 6,
fone 4-9010, ramal 76
Escritório em São Paulo - Rua Conselheiro
Crispiano 344, 7º andar, sala 705, fone 33-1343



SEJA ELEITOR

Prefeit. La. do ...
SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL



COM 2 MILHÕES DE ELEITORES O PARANÁ FALARÁ MAIS ALTO

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ — SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA

TRE

Nêste Número

Destaques, 4

O rosto da violência, 6

O Piquiri quer o bom caminho, 10

Chatô: o baiano da foice descobriu e David Nasser batizou, 14

Você já foi a Guaira? 24

Paranaguá, o bêrço também político, 36

O «cobra» Adherbal e a cascavel, 38

Terra Roxa, o município-fartura, 40

Um Paraíso de trabalho, 45

Térsio, venceu geada mas perdeu da «tiririca», 46

A siamesa de Tia Lucy, 48

NOSSA CAPA — Pouca gente foi, mas vale a pena. Esta não é só a opinião de Ana Maria e Annete, as moças da capa. É o que pensa qualquer turista a menos que deteste a beleza. Das Quedas ou das moças.



np — NÓVO PARANÁ: Publicação Mensal de propriedade da Editora Norparaná. Escritório Central: CURITIBA — Rua do Rosário, 126 — Tel.: 4-7162. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sahnão — conj. 106 — Tel.: 125. MARINGÁ: Av. Getúlio Vargas, 266 — 6º andar — conj. 609 — Tel.: 2188 — Cx. Postal, 247. PARANAGUÁ: Encarregado MAURÍCIO VITOR DE SOUZA — Edifício Itiberê — conj. 1 — aptº 6 — Rua Manuel Bonifácio, 356. SÃO PAULO: Rua Maracá, 114 — casa 5 — Tel.: 63-7870. RIO DE JANEIRO: Rede Paranaense de Rádio Ltda.: Av. Getúlio Vargas, 392 — conj. 306 — Tel.: 23-4588. PORTO ALEGRE: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Edifício Formac — 14º andar — conj. 144. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM. Redator-Chefe: SAMUEL GUIMARAES DA COSTA. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGÊNCIA DE ACESSORAMENTO TÉCNICO — CURITIBA. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originais quer sejam ou não publicados.

BRINQUEDO PERIGOSO — Visitar as Sete Quedas é uma delícia, desde que você tenha bastante equilíbrio e não use chupeta. Porque, então, torna-se uma aventura bastante perigosa. Na página 24, NP mostra a beleza e também o abandono a que foram relegadas pelo Governo federal as Sete Quedas — onde se encontra um dos maiores potenciais turísticos do Brasil e uma das maiores reservas energéticas do mundo. Quem viu e fotografou foi o repórter Oedes Ferreira Maia.

DESENVOLVIMENTO RACIONAL

A definição da região metropolitana de Curitiba, abrangendo a área da Capital e de vários municípios vizinhos e a elaboração de planos diretores das principais cidades paranaenses, são medidas a indicarem que o Estado começa a tomar consciência do problema da urbanização — hoje um dado importante da política do desenvolvimento econômico.

○ Brasil atravessa uma fase não só de «explosão demográfica» — em cujo quadro o Paraná se destaca como uma das áreas do país de mais elevada taxa de incremento — mas também de «explosão» urbana, recomendando, por isso mesmo, a melhor atenção de um Estado jovem como o nosso, a fim de que não seja surpreendido, logo mais, com graves e delicados problemas, a se somarem aos muitos que já possui, em razão do seu crescimento vertiginoso.

○ estudo da região metropolitana e o preparo dos planos diretores das cidades mais importantes constitui, por outro lado, um valioso subsídio para a definição dos chamados «polos» de desenvolvimento, sem os quais a política do Governo, em matéria de investimentos de infraestrutura, está sujeita a caminhar às cegas, com o risco da dispersão e pulverização dos recursos públicos, além do que pode acarretar em desencontro com as melhores afirmações empresariais da iniciativa privada em cada região.

○ Paraná é, por excelência, um Estado agrícola, com a maioria de suas cidades-sedes de Município reduzida à condição de simples entreposto comercial dos produtos da lavoura. Entretanto, na medida em que a agropecuária se mecaniza

ela exige a cobertura de centros regionais que tendem a se industrializar, inclusive para transformação, a menor custo, dos produtos primários locais, que não suportam fretes excessivos, salários elevados, etc..

SÃO fatores que, conduzindo à concentração industrial, levam também à elevação do nível de urbanização, com as obras e melhoramentos públicos decorrentes, porém sem densidade de população suficiente para tornar econômico o custo dos serviços locais de água e esgotos, de energia elétrica, de pavimentação, de transporte coletivo, de limpeza pública etc.

DÁI advêm as tarifas relativamente elevadas, sem as quais não é possível custear a multiplicidade dos programas de infraestrutura, acarretando o círculo vicioso da insuficiência de fundos públicos para condicionar e acelerar o desenvolvimento inicial espontâneo e relativamente anárquico.

POR tôdas essas razões é que já não se pode administrar um Estado com as características pioneiras do Paraná sem a definição dos «polos» prioritários de desenvolvimento, sem a fixação das regiões metropolitanas e sem planos diretores municipais.

TAL é o sentido nôvo que se imprime ao setor público paranaense, na gestão Paulo Pimentel, para racionalizar e disciplinar um desenvolvimento regional fulminante que vinha se processando à galega, na base da improvisação, das injunções políticas e das pressões locais momentâneas.

O REDATOR CHEFE

DESTAQUES

PAULO: EM 1º LUGAR É PARANAENSE

"Nasci em São Paulo mas hoje sou paranaense" — disse PAULO PIMENTEL a HERBERT LEVY em Ourinhos, numa homenagem, quando este último o elogiava, afirmando tratar-se de um paulista emprestado ao Paraná. A resposta do governador veio no discurso que pronunciou após a palavra do deputado federal e secretário da Agricultura paulista.

OMAR VÊ OS RIOS

OMAR SABAGG, prefeito da Capital, que tem dado um ritmo impressionante a obras públicas nas avenidas principais da cidade, está preocupado com o problema da água que praticamente passou à responsabilidade municipal com o funcionamento da CIAMISA, empresa mista, presidida pelo engenheiro ARMANDO BITTENCOURT. O assunto é tão grave que chegou a ser cogitado no início do verão, caso a seca persistisse, o aproveitamento de todos os lagos e represas da cidade. O prefeito — como engenheiro sanitarista — tem novo encontro, pois, com os rios: de um lado as enchentes e de outro o abastecimento de água.

IÉ IÉ IÉ EM PRIMEIRA ÉPOCA

Cabeludos do interior, como aconteceu com os da Capital, vão ser submetidos a exames de conhecimentos musicais pela Ordem dos Músicos. É surpreendente o número de conjuntos ié-ié-ié existentes no Estado. Cianorte e Umuarama possuem os seus, Paranavaí conta com 4 e assim por diante. O de Umuarama chama-se "Os Dragões", o de Loanda "Os Jotas". Afora o guitarra base, que se chama LORIVAL DE MELLO", o resto dos componentes é tudo na base do jota: José Maria da Silva (bateria), José Aparecido Mendes (guitarra solo), José Ezequiel (contra baixo), Jaime Risso (guitarra base e escaleta) e o cantor José Roberto.

BICHO COMO POUPANÇA

AIRTON CORNELSEN, ex-diretor do DER, arquiteto e homem de empresa, circulando na Capital, disse ter encaminhado ao presidente da República, através do governador da Guanabara, um projeto de oficialização do jogo do bicho. As apostas iriam para um fundo e depois de cinco anos o apostador receberia o capital de volta, sendo que os juros ficariam para a organização governamental. Seria uma forma de poupança forçada, valendo-se do hábito do jogo que daria os prêmios comuns.

MUNICÍPIOS NA PROGRAMAÇÃO

NIVALDO KRUGER, presidente da Associação Paranaense de Municípios, está preocupado em lançar as bases de um movimento semelhante ao "ICM é Nosso", visando defender a difusão das técnicas de planejamento e programação nas prefeituras como meio de aproveitar com o máximo de produtividade os recursos tributários. Trata-se de uma preocupação comum aos municípios que temem uma aplicação, sem definição de prioridades, dos dinheiros públicos.

ANARQUISMO EM PALMEIRA

É provável que nos primeiros meses de 1968, a Editora Civilização Brasileira publique o livro do jornalista NEWTON FERNANDO STADLER DE SOUZA, ensaio em que é analisada a experiência anarco-sindicalista havida na Colônia Santa Cecília, em Palmeira. Também outro Newton, o ex-deputado federal NEWTON CARNEIRO já apreciou, embora de passagem, o mesmo assunto quando publicou trabalho sobre lutas sociais no Paraná e o desenvolvimento do poder sindical.

MISS PARANÁ 1966 É SENHORA LEAL

MIRIAM MARÇAL, Miss Paraná 1966, passou as festas de fim de ano em lua de mel. Casou-se com o jovem GILNEY CARNEIRO LEAL, da sociedade londrinese, em Apucarana, o que transformou aquela cidade em cenário do acontecimento máximo da vida social norte paranaense. A noiva recebeu cumprimentos de misses de outros Estados que com ela disputaram o título de Miss Brasil e também das suas concorrentes no certame paranaense de beleza.

LOANDA COM MOMO ARAPONGAS COM NOEL

Enquanto Arapongas mais uma vez faz das festas de Natal e fim de ano um acontecimento excepcional, dando iluminação multicolorida e feérica à cidade Loanda se preocupa com o Carnaval e a diretoria comandada por Flávio Aramis Accorsi estuda a possibilidade de reviver o entrudo naquela cidade com banhos de água nos transeuntes e lançamento de limões de cheiro.

ANUNCIE NA

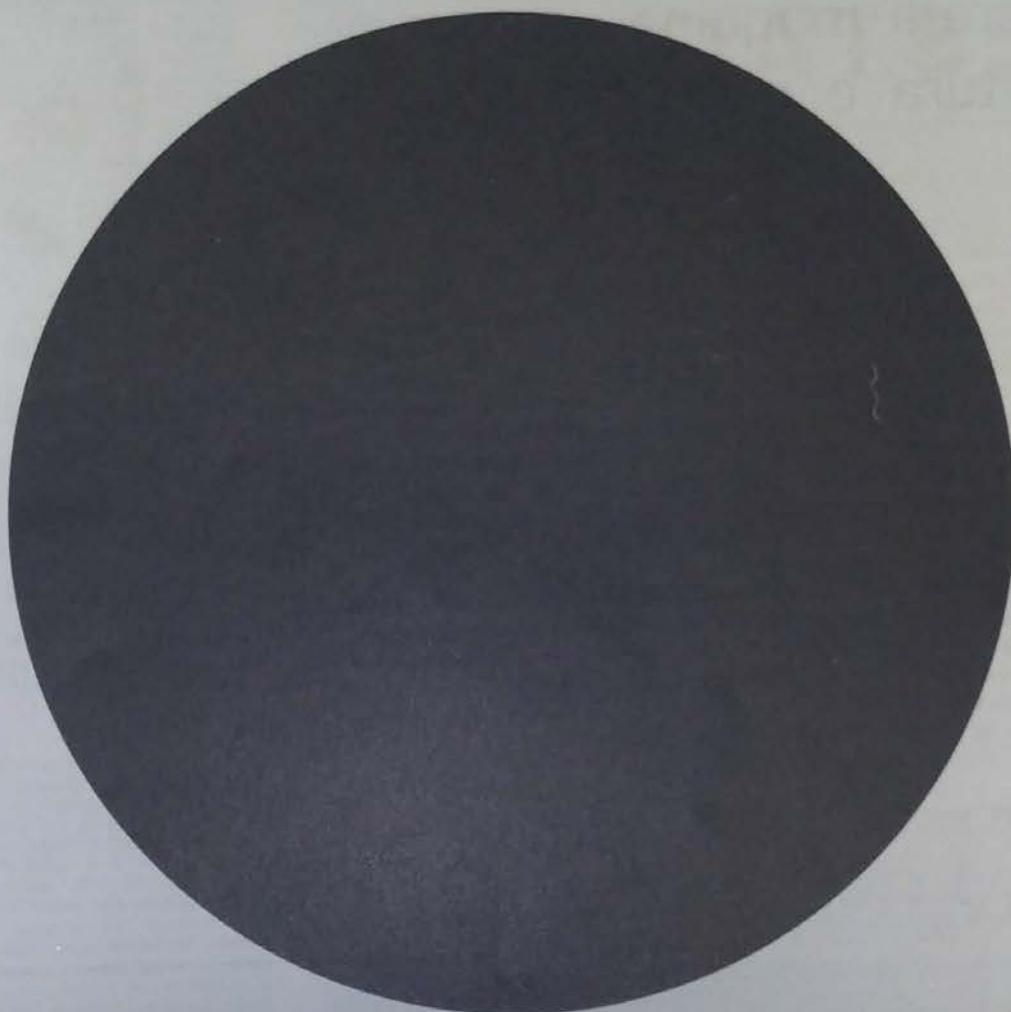
FÓLHA DO NORTE DO PARANÁ

COBERTURA TOTAL

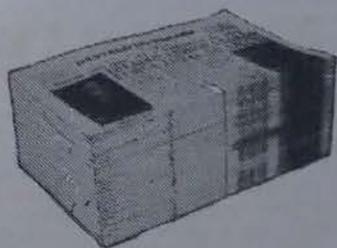
DE TODO O

NORTE DO ESTADO

MARINGÁ



SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO
JORNAL
PARANAENSE
FILIA DO AD



Um bom jornal precisa ter manchetes
de dois metros de altura?
Muitos acham que sim.

Nós, não.

O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais
em dar a informação precisa, completa
do que "manchetear".

Achamos que a boa imprensa não é feita
só de tinta e papel.
De sobriedade, também.

O ESTADO DO PARANÁ

NOVEMBRO:

a discreta máquina de tortura e morte

Texto de LUIZ G. MAZZA

Novembro poderia ter sido bem melhor se o crime bárbaro ocorrido em Maringá não viesse expor a gangrena dos organismos policiais. O sacrifício do menor Clodimar revoltou a cidade que não se conforma com o fato de que as pessoas encarregadas do poder policial, exercido em seu nome e para sua proteção, mantivessem um regime de torturas como rotina do seu mecanismo. O governo agiu serenamente no episódio e não lhe resta outra alternativa senão aprofundar o seu inquérito para ver até que ponto se enquistou a violência nos serviços de segurança. Em novembro as safras anunciavam abundância e o futebol do Paraná alcançava o seu maior feito com a vitória do Coritiba sobre a seleção húngara por um tento a zero com a renda recorde, superior a 120 mil cruzeiros novos. E Paulo Pimentel e Bento Munhoz da Rocha trocavam um apêrto de mão significativo por ocasião do lançamento, pelo governo, através da Fundepar, do concurso nacional de contos, para cuja comissão julgadora o ex-governador e adversário de ontem foi convidado, juntamente com nomes ilustres da crítica e do ensaio, inclusive o do humorista, mas também extraordinário cronista Sérgio Porto, Stanislaw Ponte Preta, que no caso ao invés de certinhas vai julgar estórias curtas. Alguns municípios estavam em tempo de festas, os exames nas escolas entravam na fase aguda e o custo de vida, embora a ritmo mais lento do que no ano passado, continuava a subir.

CULTURA REUNE EX-ADVERSÁRIOS

Bento e Paulo, ao centro o prefeito Omar Sabagg, unidos pela cultura. Paulo disse que ao lançar o concurso de contos e ao prestigiar o desenvolvimento das artes apenas dava seqüência aquilo que seu ex-adversário fizera no governo.



Qual a face do criminoso?
Há mais de dois rostos culpados.

A TORTURA MOSTRA A FACE EM MARINGÁ

A morte do menino Clodimar Pedrosa Lô, torturado na Delegacia de Polícia de Maringá, foi a chave que veio decifrar dezenas de crimes ali praticados. Revoltada, a população conheceu em detalhes a rotina de terror e crimes que marcava o dia a dia daquela dependência policial. É que falhando a tentativa de policiais já acostumados em ocultar crimes e pela pronta intervenção de líderes da comunidade, o fato ganhou a notoriedade merecida e o governo estadual, após afastar o delegado Haroldo Cordeiro, abriu rigoroso IPM, dirigido pelo cel. Hamilton de Castro, também da Polícia Militar. Numerosos crimes revelaram a existência de um verdadeiro campo de extermínio: descobriu-se que o jovem Lázaro Pereira encontrado com o corpo horrivelmente mutilado, nas proximidades do Country Club de Maringá, em abril de 1965 havia sido torturado até a morte na Polícia; em 1963 também foi encontrado sob uma ponte o corpo de Silvio Sanches que fôra preso por não ter pago uma conta de «boite»; houve o caso ainda do pintor Dario Ferreira Rocha, de 39 anos de idade e pai de 7 filhos menores, enterrado pela polícia a 14 de agosto de 1965 sem atestado de óbito, tendo sua esposa, Eva Gonçalves, revelado que fôra preso dias antes e que ela viu no seu cadáver escoriações nos pulsos que estavam em carne viva com sinais de corda; ainda se juntou a estes o ocorrido com o sorveteiro Aparecido Feliciano, de 21 anos, preso a 15 de novembro do corrente ano, que detido por suspeitas fôz torturado até à perda de consciência, vindo a falecer em hospital antes de receber assistência médica.

O estarecimento da sociedade que via os setores encarregados de sua proteção minados por homicidas e carrascos foi

Sebastião Pedrosa 10
Maurício do Carmo 10

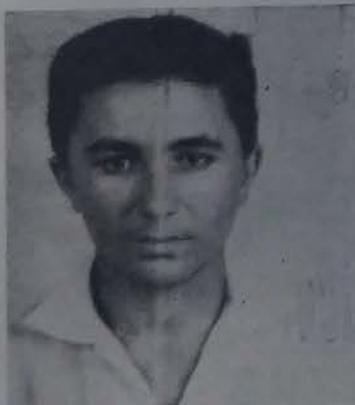
tremendo, como se ela estivesse tomada por um sentimento de culpa ante a violência das foras que exerciam o poder policial. O secretário de Segurança, desembargador José Munhoz de Mello, exigiu severidade na apuração dos fatos, mas a verdade é que a violência policial já se tornou uma rotina de longos anos, porque ela substituiu a falta de aparato cultural dos encarregados de zelar pela segurança e esclarecer crimes. Mesmo na Capital é comum o uso do «pau de arara», remédio considerado indispensável inclusive por gente aparentemente culta, para arrancar depoimentos em furtos.

O caso de Maringá pode ter um efeito profilático se for levada a interpretação dos fatos ocorridos às últimas consequências, porque ao lado da selvageria grassava também a corrupção como se apurou quando foram tomadas as primeiras medidas pelo novo delegado, cel. Reinaldo de Carvalho, após os expurgos, nos setores de jogos e diversões.

Algumas melhorias consideráveis têm se processado no recrutamento de pessoal para a polícia civil e militar. Exigências quanto a aspectos psicológicos e intelectuais (exames psico-técnicos, testes de conhecimentos, credenciais mínimas escolares) vão lentamente modificando a estrutura policial ao mesmo tempo em que ingressa no domínio da tecnologia específica. Mas há muita violência oculta e corrupção também que precisam ser expungidas para que a polícia possa exercer o seu papel na defesa da lei sem burlá-la e na apuração do crime sem a necessidade de praticá-lo.

Não basta expulsar da Polícia Militar e andar à caça dos criminosos, que precisam ser julgados e condenados, Manoel Gerson Maia e Benerval Bezerra. É preciso examinar a fundo a engrenagem policial, a personalidade dos facinoras e esclarecer as já dezenas de denúncias de crimes como a do pedreiro que teria encontrado esqueletos ao construir novas paredes da delegacia. Por mais fantasiosas que pareçam e por mais riscos de exagero, tôdas devem ser levadas a sério, examinadas e apuradas. Porque é todo o sistema policial que está sob julgamento.

Clodimar Pedroso Lô,
a vítima, que abriu
as masmorras da tortura
e da corrupção
aos olhos do público.



NP + 24 de novembro de 1967
Óbito nº 8286 - Mandaguari



Uma atração surpreendente em Guaira: o Museu Sete Quedas, propriedade particular de Genny e Shinjiro Matsujama.

MUSEU DE HISTÓRIA, PLANTAS E ANIMAIS

O tempo aqui parou no olho de vidro dos animais empalhados, no abraço inútil do tamanduá, nesse andar travado do guará, dos porcos do mato, da capivara. Documentos para história: da fauna à flora completa da região, telhas e cerâmicas outras testemunhando o sonho de glória das reduções que Raposo Tavares destruiu. Documento para a consciência: um pedaço de telha do Hiroshima, atingida pelos raios atômicos. Há utensílios e armas guaranis, ciência e poesia em tantas penas e flôres. No museu de Guaira se aprende a amar o tempo.

O transporte mais rápido entre SÃO PAULO e NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM 24 HORAS

— TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS —

DIARIAMENTE de São Paulo para: Ourinhos — Cambará — Andirá — Bandeirantes — Santa Mariana — Cornélio Procópio — Londrina — Cambé — Rolândia — Araçongas — Apucarana — Jandaia do Sul — Mandaguari — Marialva — Maringá e vice-versa.

EMPRESA TRANSPORTADORA

ANDRADE LIMITADA

SIMBOLO DE GARANTIA, PONTUALIDADE E RAPIDEZ

Esc. Central: Rua Henrique Dias, 67 — Tels.: 93-6297 - 93-9894 - 63-2433 — S.P.

com a hematite



A marcha para a glória que o Canal 4 registrou em câmara ultra lenta para que ninguém mais esquecesse o gol de Oromar.

OROMAR, O IMPROVISO DESMONTA O ESQUEMA

O Canal 4, Televisão Iguaçu, é agora o assessor da nossa memória: terminado o jogo de futebol e gravado o «tape», ele repete, em câmara ultra lenta, dando a velocidade necessária, para explicar em todos os detalhes o desdobramento cênico do lance. Foi através do milagre eletrônico que os paranaenses puderam rever aquilo que tanto os emocionara à tarde no Estádio Belfort Duarte: Walter lançou a bola no vazio da defesa magiar, o caboclinho de Paranaguá, Oromar, veio correndo e ganhou do lateral esquerdo, driblou-o quando houve combate, passou também pelo goleiro e de pé esquerdo acertou as malhas. O Estádio explodiu e o equipamento do 4 repetiu em marcha lenta, a glória dilatada na distensão dos gestos e tudo foi tão bem que muita gente em casa não resistiu e gritou o gol outra vez.

Os coritibanos deram uma demonstração de vigor extraordinário: haviam na semana anterior, com foguetes e batucada, perdido a chance de disputar o título es-

tadual ao serem batidos pelo São Paulo, de Londrina e — o que é mais grave — tiveram a contusão de Kruger, o maior astro do futebol paranaense. Tomaram por empréstimo do Ferroviário Paulo Vecchio e Humberto e mais Zé Carlos, do Água Verde, com o que ganharam em público e, sobretudo, em simpatia. O que, aliás, o Ferroviário não soube fazer no Robertão. El sua vitória passou a ser não só um acontecimento internacional de primeira grandeza mas também uma glória para os «colorados» e aguaverdeanos. O Estádio, ainda inconcluso, com o paliteiro da cobertura das arquibancadas impedindo maior lotação, provou que é o cenário certo para grandes espetáculos. Coritibanos e ferroviários ao fim do jogo se entendiam melhor e os seus presidentes estabeleciam os primeiros contatos para trazer em 1968 as seleções da Tchecoslováquia e Alemanha Oriental para um quadrangular com rendas e responsabilidades

rachadas a dois. Era uma consequência natural do que ocorria nas arquibancadas, onde torcedores apoiavam o Coritiba, agitando bandeiras do Ferroviário e do Água Verde.

De tudo o que ocorreu na partida, onde a Hungria abusou dos lançamentos altos sobre a meta e das articulações laterais, o momento mais brasileiro e de picardia foi o do gol. Oromar garoto habituado a jogar descalço e que dizem ser melhor assim do que com chuteira, deu seguidos cortes à Garrinha nos europeus atarantados e atirou no gol coberto por defensores húngaros acertando o cantinho exato. Um dos comentaristas — o célebre João Saldanha e o estilista Armando Nogueira lá estavam na tribuna de honra — fez uma análise ligeira do episódio, mostrando o que tinha de significação social na arrancada do bugrinho do litoral contra homens habituados a uma civilização de esquema e a um modo de jogar igualmente feito de planos rígidos e mecânicos.

EM GUAIRA, RINGO É O SALVADOR DE MOTORES

O que fazer com um Volkswagen muito doente a centenas de quilômetros de Curitiba, Londrina ou Maringá? Na maioria dos casos, os proprietários tratam de arranjar alguém disposto a rebocar seu carro pelo longo trajeto até os centros maiores. Em Guaíra, porém, eles sabem a solução mais simples.

— Chame o Ringo!

«Ringo» é o apelido de Martins dos Santos Rocha, um quase garoto nascido em Guararapes, SP, que encontrou na beira do Paraná o melhor lugar para desempenhar sua missão de salvador de Volks. Embora sem o aparato mecânico necessário para as grandes «operações» — agora é que a oficina e posto de serviço Volkswagen do sr. Walter Martins de Oliveira está se equipando para toda a eventualidade — «Ringo» consegue fazer milagres na recuperação de motores.

E não é para menos. Ele tem curso especializado em São Paulo e já esteve em Mirandópolis, Andradina e Iporã, à procura do melhor lugar para se estabelecer. Foi quando descobriu Guaíra. Ou melhor, foi descoberto por ela. Hoje, a integração é perfeita — e quando o motor decide não funcionar mais o problema fica bem mais fácil.

— Chame o Ringo!





O novo edifício sede do SESI e da Federação das Indústrias do Paraná tem sete andares — e mais dois em construção — e nele já estão instalados a administração e os serviços assistenciais do SESI, como também todos os departamentos da FIEP. A impressão causada aos industriais de todo o Brasil pelas magníficas instalações foi das melhores.

CNI REUNIU-SE EM CURITIBA

«O Paraná, na luta pelo desenvolvimento econômico, dá exemplos magníficos. Está assimilando, na construção de sua riqueza, a experiência e a imaginação dos homens de terras estranhas que hoje integram as suas diversas classes trabalhadoras. Mas quero ressaltar um milagre maior que se vê no Paraná: o ambiente de paz social e de solidariedade humana, que se observa e se testemunha. O Paraná é bem a síntese do Brasil que sonhamos e estamos construindo ao duro preço das renúncias, dos sacrifícios e até do sofrimento.»

Estas palavras do industrial Tomaz Pompeu Souza Brasil Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria, coroaram a reunião, realizada em Curitiba, pelas lideranças industriais do País, nos últimos dias do mês passado. A 44ª reunião da CNI contou com a presença dos presidentes de Federações das Indústrias de quase todos os Estados brasileiros e nela foram debatidos problemas fundamentais da economia nacional.

Decisões importantes foram tomadas pelo Conselho da CNI. As deliberações aprovadas em Curitiba servirão de programa para a atuação do órgão de cúpula do empresariado industrial brasileiro no ano de 68.

Entre os acontecimentos do conclave constou a inauguração da nova sede do SESI e da Federação das Indústrias do Paraná, Edifício Presidente Lydio Paulo

Bettega, homenagem do Conselho Regional do SESI ao atual presidente da FIEP, à frente do órgão máximo dos industriais paranaenses desde 1958.

A importância do conclave nacional da indústria realizado na Capital do Estado ficou demonstrada no discurso de encerramento, quando o presidente Pompeu Souza, em nome dos empresários nacionais, teceu comentários elogiosos e outros de crítica à atual situação política nacional e a atuação do Governo Federal. «Não podemos fugir à análise dessa situação — disse o presidente da CNI — focalizando ao ensejo desse encontro os principais problemas que, em nossa opinião, reclamam um equacionamento objetivo e seguro do Governo Federal».

Afirmou que a indústria brasileira aspira a um desenvolvimento econômico ace-

lerado, cujos benefícios possam atingir a todos os indivíduos, classes e regiões, construído sob a égide da iniciativa privada — única compatível com o funcionamento de uma sociedade democrática e multilateral. Disse ainda que esse desenvolvimento não pode ser edificado sobre as bases falsas de uma inflação desenfreada, razão pela qual merece apoio o esforço governamental para a reconstrução, em alicerces sólidos, do nosso desenvolvimento.

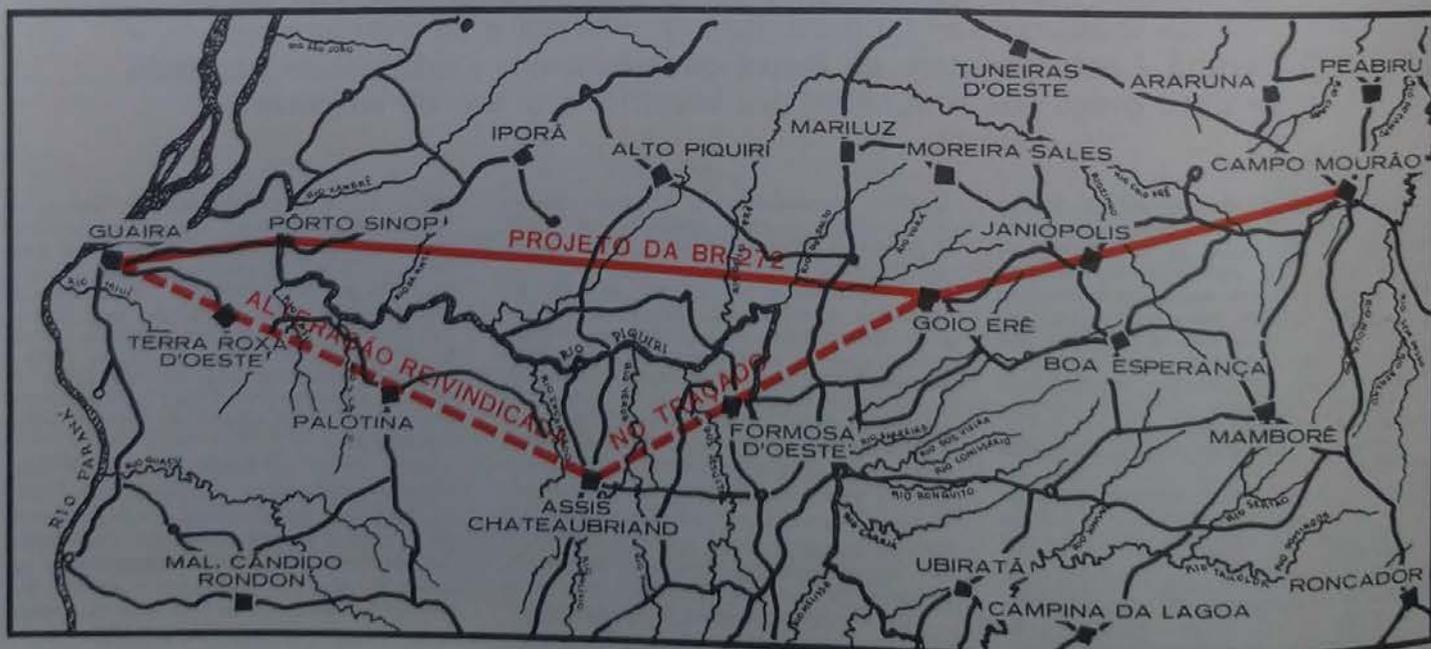
Após tecer comentários elogiosos aos aspectos positivos do Governo Costa e Silva, apoiando as diretrizes gerais do mesmo, observou Pompeu Neto que duas grandes questões afligem o empresariado: o aumento do funcionalismo público às custas de aumentos de impostos e o nível a que chegou o custo do dinheiro.

BR-272

UMA ESTRADA PROCURA O SEU DESTINO

No Paraná há uma estrada à procura de um destino. Chama-se BR-272 e será a segunda grande transversal leste-oeste que cortará o Estado. A primeira, já em fase de conclusão, é a BR-277, que liga o Pôrto de Paranaguá a Foz do Iguaçu e deverá ser concluída dentro de meses. A BR-272, também de grande importância econômica e estratégica, deverá fazer a ligação do Leste paranaense com Guaira. Normalmente, seu caminho seria facilmente determinado.

A linha continua é o traçado projetado para a BR-272. A linha pontilhada é a opção defendida por milhares de pessoas que não encontram razão para uma estrada de primeira categoria abandonar a região ao sul do Rio Piquiri, onde a densidade demográfica e a produção diversificada são maiores, e continuam crescendo em proporções muito mais altas.





Com a estrada, a balsa sôbre o rio Piquiri vai perder a sua função. Pontes modernas, o asfalto, as grandes retas, tornarão mais próximo dos centros consumidores as grandes regiões produtoras do Oeste e Norte paranaenses.

Mas uma série de fatores estreitamente ligados ao explosivo crescimento do Vale do Piquiri faz com que esta decisão se torne cada vez mais complicada. E hoje as populações da margem esquerda do Rio Piquiri — densamente povoada e de economia dinâmica — vêm com apreensão a possibilidade de ficarem sem um escoadouro eficiente para a sua produção. Esta reportagem é a história de uma série de pequenas falhas que podem levar a um grande erro. E também uma tentativa de fazer com que a estrada — caminho do progresso — reencontre seu verdadeiro caminho.

SEGUE



É tão grande a corrente de tráfego pelas difíceis estradas municipais que, nas épocas de chuva, chegam a formar-se filas com uma centena de caminhões carregados, como esta. É dinheiro que se perde entre a lama e que poderia ser carregado para o bem estar de toda a Nação.

A grande diretriz da BR-272 é Campo Mourão-Guaira. Levando em conta apenas o problema geométrico, a estrada passaria ao norte do Rio Piquiri, passando por Moreira Salles, Alto Piquiri, Mariluz, Iporã. Entretanto, principalmente em matéria de rodoviarismo, a reta raramente é o melhor caminho entre dois pontos. Principalmente considerando que já existe uma rodovia estadual ligando a maioria desses municípios. O traçado previsto começa em Umuarama e passa por Perobal, Cafezal, Iporã, Francisco Alves, Pôrto Piquiri, terminando em Guaira. E existe, ainda, a PR-4, que começa em Campo Mourão e passa por Tuneiras do Oeste, Cruzeiro do Oeste, Umuarama e Pôrto Camargo. Ambas as obras estão incluídas no Plano de Desenvolvimento Integrado do atual Governo sob o título «Necessidades Rodoviárias Fundamentais». Desta forma, se mantida uma linha reta entre Campo Mourão e Guaira, haveria duas grandes rodovias servindo praticamente a mesma região. A primeira ligando Campo Mourão-Janiópolis-Goio-Erê-Alto Piquiri-Mariluz-Iporã-Guaira. A segunda unindo Campo Mourão-Tuneiras do Oeste-Cruzeiro do Oeste-Umuarama-Perobal-Cafezal-Iporã-Francisco Alves-Guaira.

Enquanto isso, ao sul do Rio Piquiri, municípios da importância de Formosa do Oeste, Assis Chateaubriand, Palotina, Terra Roxa ficarão marginalizados, com condições deficientes de escoamento para a sua produção. E é justamente ali, ao sul do rio, que há a maior concentração demográfica, a maior produção, o maior índice de crescimento. Uma enquete feita por NP nos municípios da região mostrou que todos se acham em fase de crescimento explosivo. O grupo escolar de Assis Chateaubriand foi feito para 160 crianças. Dois anos depois havia 1.200 crianças matriculadas. A população de Palotina simplesmente dobrou nos últimos dois anos. Em Terra Roxa, as previsões de vacinação feitas pela Secretaria de Saúde tiveram de ser simplesmente inutilizadas, porque a população infantil havia triplicado no último triênio.

E os dados econômicos seguem paralelamente ao crescimento. Enquanto ao sul há o regime de exploração agrícola com base na pequena e média propriedades, ao norte, o arenito vem estimulando cada vez mais a pecuária, o que significa automaticamente uma diminuição na densidade demográfica nas cidades e nos campos. E, pelas suas próprias características, a economia que se baseia na pecuária tem um ritmo mais lento de evolução. Um prefeito da região definiu a situação com uma frase sintética: «Em matéria de produção, não há o que comparar: se lá (ao norte) dá um, aqui dá dez». As origens dessa diferença estão no próprio sistema de loteamento. Enquanto ao norte quase tudo foi loteado pelo Estado (lotes de 100 ou mais alqueires), ao sul a colonização foi feita por empresas particulares, dentro do regime da pequena e média propriedade. Dez alqueires por família, em média. Em Assis Chateaubriand há 8 mil propriedades agrícolas. Em Formosa do Oeste, 2.500. Em Palotina, mais de 6.500 propriedades agrícolas. Em Terra Roxa, quase 7.500. Isso significa um contingente de mão-de-obra rural da ordem de 200 mil pessoas.

Em compensação — afirmam os prefeitos — a situação ao norte do Rio Piquiri é bem diferente. Em Alto Piquiri, por exemplo, o número de propriedades agrícolas não atinge mil. Iporã já é servida pela PR-4. E os outros municípios já são beneficiários da estrada, qualquer que seja o seu traçado. E há municípios, como Mariluz, que estão prioritariamente interessados na ligação ao asfalto que logo deve chegar a Umuarama. Desta forma, além da densidade demográfica maior, da produção mais dinâmica, contam os municípios que ficam ao sul do Rio Piquiri com outro importante argumento: para eles, a estrada é de vital importância, em termos de sobrevivência e de crescimento; para os outros, trata-se apenas de uma vantagem a mais a ser auferida.

Enquanto se discute o problema regionalmente, a futura BR-272 vai progredindo,

por enquanto nos projetos. Está sendo preparado um anteprojeto através do levantamento aerofotogramétrico da região, feito há alguns anos. E é este o grande temor dos moradores e líderes regionais: que tudo seja decidido com base nos dados do levantamento aéreo, já desatualizado. É sabido que as informações do Governo Federal, em termos de estatística, são as mais precárias possíveis. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística adota uma única taxa de correção do índice de crescimento populacional para todo o Paraná. O que significa dizer que uma região como a do Norte Velho, na estatística oficial, vem crescendo tanto como o Oeste paranaense. Mesmo o Governo do Estado tem cometido erros muito graves de avaliação, por não considerar fatores como a migração dentro do próprio território estadual — e é sabido que as novas áreas do Oeste foram prioritariamente colonizadas por homens do Norte Novo e do Norte Novíssimo. Paralelamente, as informações sobre crescimento da produção, se bem que mais atualizadas, sofrem também distorções, uma vez que em boa parte são colhidas nos centros de comercialização e não nas zonas produtoras. Com exceção do café e uns poucos itens, os produtos dificilmente trazem o correto atestado de origem — embora essa informação possa ser colhida indiretamente através dos dados sobre arrecadação municipal e estadual.

A verdade é que duzentos mil trabalhadores rurais e dezenas de milhares de moradores de cidades ao sul do Rio Piquiri lutam para provar uma verdade muito clara a seus próprios olhos, mas ainda muito distante da verdade «oficial». No momento em que tiverem sucesso, o traçado da BR-272 passará certamente por Goio-Erê-Pôrto Quatro-Formosa do Oeste-Assis Chateaubriand-Palotina-Terra Roxa e Guaira. E só com a plena revelação dessa verdade as terras mais férteis do Vale do Piquiri ganharão a grande via de escoamento para a sua produção.

PREFEITOS SE BATEM POR UM RUMO CERTO

Os argumentos dos prefeitos são invariavelmente os mesmos: a democratização da propriedade rural, pelo sistema de pequenas propriedades, faz dos municípios ao sul do Vale do Piquiri uma região de crescimento explosivo. Palotina, com seis anos, apesar dos conflitos de terras, tem que fazer quase tudo por seus próprios esforços: hospital e energia elétrica, por exemplo, são municipais. Na região não passa uma só estrada estadual. Goio-Erê, conquanto melhor servida nessa parte viária, sente que a tendência do fluxo de transportes e a densidade de cargas encontra na diretriz da margem esquerda o melhor rumo para a BR-272. O prefeito Gil de Almeida, entusiasta da região e que lançou aos quatro ventos a promoção de que o seu município é o «melhor lugar do mundo», acha que Goio-Erê — para ele o maior produtor de menta do país e portador de diversificada lavoura — deve estar alinhado na luta pelo traçado mais próprio à estrada federal.

TERRA ROXA: CELEIRO MAIOR PEDE TRAÇADO MAIS ECONÔMICO

Vinício Tortato Sobrinho, o jovem prefeito de Terra Roxa, é um homem preocupado com problemas fundamentais e deles não desliga aquilo que considera essencial: a interligação de uma das regiões mais ricas do Estado à rede estratégica dos transportes para que não se disperse o esforço tremendo dos produtores. «A prevalecer o traçado que consta das cartas rodoviárias, justamente a área do município, economicamente e politicamente válido porque rentável, ficará marginalizada do sistema tronco de escoamento da produção. Hoje — e aqui o que se ouve é a voz de municípios jovens — a situação mudou e as taxas de incremento demográfico e conseqüentemente de produção se desenvolveram de tal maneira que os estrategistas das vias de comunicações não têm outro caminho a seguir que não seja o de considerar os múltiplos fatores novos, que não configuram resistências locais e de campanário, mas um vivo anseio de integração nos planos globais para que possam dar, como até aqui, todavia em termos de maior rentabilidade, a sua quota de contribuição ao progresso do país.»

Lembra o contínuo fluxo migratório da área que as estatísticas nem conseguem apanhar e que os levantamentos recentes do IBRA, no cadastramento imobiliário, e os dados sobre previsão de safras — «que a todos estão assustando, a ponto de os técnicos do Ministério da Agricultura se deslocarem para cá a fim de constatarem tudo no local» — poderão perfeitamente respaldar em números o que se pleiteia. Cita o caso de Assis Chateaubriand, onde se verifica a média de mudanças de mais de uma família por dia.

— «O jeito é ir fazendo as coisas, interligando as estradas à base da cooperação. Vamos argumentar montados em motoniveladoras, trabalhando, interligando o sistema viário e sempre agindo com fé e responsabilidade, abrindo estradas largas que se enquadrem nas normas rodoviárias nacionais.»

A PONTE PARA TRANSPORTE PODER FLUIR

O dia em que a ponte sobre o rio Piquiri, no chamado Pôrto IV, fôr iniciada haverá maior convicção de que se encaminha para uma solução correta o problema rodoviário básico da região. Atualmente o sistema de balsas é um ponto de estrangulamento, uma penosa obstrução nos caminhos. O prefeito Antônio Fregulia, que faz da educação e dos transportes as preocupações máximas de sua administração em Formosa D'Oeste, é um batalhador de primeira hora da luta em defesa da mudança do traçado da BR-272.

«O traçado de uma rodovia não pode se ater apenas a dados físicos, mas a razões de ordem econômica e social» — esse o argumento chave do prefeito Antônio Fregulia, de Formosa D'Oeste, a respeito da BR-272.

«Quando se cogitou do traçado, o vale do Piquiri não havia sido ainda sacudido pelo movimento de colonização que o empolga e o que se percebe, além da maior densidade de ocupação territorial, é a confirmação de que o solo é justamente mais fértil nas áreas da margem esquerda. O importante, porém, não é criar polêmica, mas exatamente fazer o que os municípios interessados no escoamento seguro de suas safras estão fazendo: coordenando seus esforços e definindo uma diretriz rodoviária

comum para atingir objetivos também comuns.» Não vê a hora em que o governo venha substituir o sistema de balsas por uma ponte moderna no Pôrto IV sobre o rio Piquiri.

LEVANTAR RECURSOS

O alagoano Manoel Ramos, prefeito de Assis Chateaubriand, concorda com o raciocínio do seu colega de Formosa D'Oeste. «Estamos, aliás, fazendo as coisas juntos no ataque à ligação entre os nossos dois municípios através de uma estrada perfeitamente situada dentro dos requisitos do DER» — frisou, acrescentando que a hora é de unir todos os municípios interessados, levantar o parque de máquinas e os recursos orçamentários indicados em cada cidade e «mãos à obra, que até o jeito de agir vai sensibilizar os homens que tecnicamente devem dar a definição justa do problema». E mais adiante o que entende por definição justa: «só será justa uma decisão que considere os fatos novos ligados à região como por exemplo o rumo do movimento migratório e da localização das famílias; o exame rigoroso de dados ligados à produção, aproveitando, inclusive, o esforço que o governo estadual e o Ministério da Agricultura estão fazendo para apurar a previsão das safras». Afirma ainda que a política rodoviária deve se basear sobretudo nos índices de aproveitamento do tráfego e «nesse particular não tememos qualquer confronto».

PALOTINA, SÓ ESTRADAS MUNICIPAIS

Há 980 quilômetros de estradas em Palotina, todas municipais. O prefeito Domingos Zardo se empenha em sua política rodoviária — no ano de 1967 gastou mais de cem mil cruzeiros novos abrindo e construindo 200 quilômetros de estradas e 75 pontes e boeiros — para que esse sistema se ligue a uma artéria básica.

«Dentro dessa linha de raciocínio, sou a favor de uma diretriz nova para a BR-272 que venha estabelecer um equilíbrio no sistema regional de comunicações, evitando concentração excessiva de rodovias numa área em detrimento de outras. Nosso exemplo é claro e apesar de saber que isso se deve a razões históricas, a motivos ligados à colonização e à posse da terra, urge mudar tal estado de coisas que evitará o nosso isolamento e apressará igualmente uma solução equilibrada para os conflitos de terra que ainda atingem 75% de nossa área territorial.»

Anuncia que em janeiro começa a ligação, em traçado dentro das normas modernas, com o município de Assis Chateaubriand numa distância de 40 quilômetros. Palotina tem 50 mil habitantes e espera uma safra de 1 milhão e meio de sacas de milho, 250 mil sacas de soja e 30 mil sacas de trigo. Seu plantel suíno, riqueza básica, é de 300 mil cabeças.



CHATEAUBRIAND DESDE O BAIANO DA FOICE

No começo, era só o Campo do Baiano da Foice. Chamava-se assim o pequeno campo de aviação com a pista meio em semi círculo, feita sem régua, nem esquadro, por um baiano, que andava sempre com sua foice às costas — o tempo era de muito mato para derrubar. Era ali que desciam os aviõezinhos trazendo as turmas de medição da Colonizadora Norte do Paraná, encarregadas de preparar — já com régua e com esquadro — a futura Tupãssy, hoje município de Assis Chateaubriand.

O baiano da foice, como todo o pioneiro, sentiu certo dia que aquilo já era terra de muita gente — e foi embora. Mais tarde, soube-se que êle estava morando em Apucarana, vivendo da mendicância. Os dirigentes da Companhia mandaram chamar o homem. Avisaram que tinham emprêgo para êle, ou que, mesmo não querendo trabalhar, sempre haveria lugar para dormir e comida para comer. Uma espécie de pagamento do pioneirismo. Mas o baiano não voltou, nem com o primeiro, nem com os outros recados, avisos, convites. Ainda hoje continua solitário em seu ofício diário de pedir, talvez achando desonesto voltar e viver às custas de sua legenda.



Assis Chateaubriand é uma cidade a caminho de seu grande futuro. O mais novo município paranaense possui uma das taxas de crescimento mais elevadas em todo o Estado. E não vai parar tão cedo. Bem urbanizado, com uma base de sustentação econômica firme e dinâmica, orientado por homens de pulso e visão, Chateaubriand é um brilhante capítulo na epopeia do novo Paraná.

Pois o Campo cresceu e a cidade nasceu. Não imediatamente, porque os colonizadores não queriam localizá-la muito próxima de outra, que hoje é Formosa do Oeste. Finalmente, foi fixada entre os rios Verde e Encantado e batizada Tupássy — Mãe de Deus, em tupi — o mesmo nome de uma fazenda que a Colonizadora Norte do Paraná possui no Pantanal matogrossense. Era uma gleba de 45 mil alqueires, de terras férteis, divididos em lotes de 10 alqueires em média, todos com água na parte inferior e estrada passando pelo espigão. Preço de cada alqueire, em 1959: 28 mil cruzeiros. Hoje, está custando um milhão de cruzeiros velhos — para quem conseguir comprar, pois apenas 15% das terras estão por adquirir.

A maior preocupação dos colonizadores foi evitar o latifúndio. E conseguiram isso com uma política de preços bem orientada. Quanto ao minifúndio, não o temem — e é o advogado Rudy Alvarez, um dos diretores da Companhia que explica a razão: «Em primeiro lugar, as terras daqui ainda são extremamente férteis. Depois, o brasileiro, particularmente o brasileiro



Aqui foi o começo: uma simples casa de madeira. Depois outra. E outra. E outra. Hoje é a cidade de maior desenvolvimento em toda a região. E o caminho foi curto, de 1961 para cá.

O CONTRASTE

NA ANTIGA TUPÁSSY

DÁ-SE O ENCONTRO DE DUAS CIVILIZAÇÕES:

A DO «JAGUNÇO» DO NORDESTE E A DO

«GAUCHO» DO SUL

que veio colonizar esta região, não é homem de ter querência, não se apegava a um pedaço de terra, ao contrário do brasileiro do Sul. O colonizador desta região é, sobretudo, um pioneiro, um homem incapaz de viver em outro lugar que não seja um «front» do progresso. Tenho quase certeza de que se amanhã lançarmos um loteamento em Mato Grosso ou qualquer outro lugar, serão centenas os que virão pedir para ser dos primeiros a ocupar o novo «front». Aliás, já tenho vários casos desses. São pedidos de gente que participou da colonização do Norte do Paraná, como meeiros. Gente que se tornou pequeno proprietário aqui. Gente que quer se tornar grande proprietário mais adiante. Acima de tudo, gente do trabalho, aquele tipo de homem que constrói o desenvolvimento.»

«Aqui — continua Rudy Alvarez — se encontraram duas civilizações, a do Sul e a do Norte do Brasil. Duas civilizações que se apelidam carinhosamente de «gringo» e de «negro», mas que souberam somar capacidade de trabalho e amor à terra para construir um grande municí-

pio. E somaram sem perder em nada seu acervo cultural, seus hábitos, suas tradições. Os do Sul, preservaram e aprimoraram a suinocultura. Os do Norte melhoraram suas técnicas de produção agrícola, particularmente do milho. E hoje, os sulinos dos sulistas são criados com o milho dos nortistas, que também plantaram café de ótima qualidade.»

A colonização de Tupássy nasceu sob a mesma inspiração daquela do Norte do Paraná. Inclusive porque a propaganda destinada a vender os lotes foi dirigida neste sentido: «A terra é boa e aqui será um novo Norte do Paraná». O tamanho dos lotes, o tipo de agricultura, tudo reproduziu o milagre do «boom» cafeeiro da década dos 40. Houve uma única promessa: «O Brasil tem a melhor terra do mundo, o Paraná tem a melhor terra do Brasil, o Vale do Piquiri tem a melhor terra do Paraná — e Assis Chateaubriand tem a melhor terra do Vale do Piquiri». Até hoje, nenhum dos compradores ficou decepcionado com o que encontrou.

SEGUE



Esta é a sede da Colonizadora Norte do Paraná, responsável pela ocupação territorial, urbanização e crescimento de Assis Chateaubriand.

NO COMEÇO FOI DIFÍCIL ACEITAR O NÓVO NOME. HOJE ESTÁ CONSOLIDADA A HOMENAGEM AO «VELHO CAPITÃO»

Tupássy era um nome lindo. Tão bonito que o próprio Rudy Alvarez foi contra, no momento em que se propôs mudá-lo para Assis Chateaubriand. O diretor dos «Diários Associados» havia sofrido um derrame, sua recuperação era difícil, e alguns amigos, entre os quais David Nasser, pediram ao presidente da Colonizadora Norte do Paraná, dr. Oscar Martinez, que perpetuasse o nome do Velho Capitão. «Achei impossível, na época — conta Rudy — porque milhares de compradores já se haviam acostumado ao nome Tupássy. Defendi esse ponto de vista numa reunião da diretoria, mas fui voto vencido. Apesar de ter lembrado a existência de muitos outros empreendimentos que poderiam trazer o nome de Assis Chateaubriand. Então, fiz o que me cabia: fui a Curitiba e consegui um projeto de lei, na Assembléia Legislativa, alterando a denominação do então distrito de Toledo, que pouco após foi transformado em município. E começamos uma segunda batalha: a da consolidação do nome de Assis Chateaubriand, o que conseguimos.»

«De qualquer forma — continua o diretor da Colonizadora Norte do Paraná — em 1966, quando Assis Chateaubriand esteve aqui, por ocasião da emancipação política do município, ele também, por outros motivos, defendeu o mesmo ponto de vista. Disse que não achava o seu nome o melhor para a cidade. Se fosse para homenagear alguém, lembrou, melhor seria batizar o município de Raposo Tavares, pois se não fosse Raposo Tavares este Paraná inteiro seria provavelmente território paraguaio. E acrescentou Assis

Chateaubriand que conhecia as origens daquela homenagem, mas que havia passado a perna no «Turco» (David Nasser) e no «Espanhol» (Oscar Martinez), lembrando que tinha voltado dos EUA sem poder usar as pernas, nem os braços, mas com a cabeça no lugar para dizer que protestava contra ela.

De qualquer forma, a luta para fixar o nome Assis Chateaubriand já está vencida. Apesar da resistência inicial de uma boa parte da população, acostumada ao nome Tupássy. Apesar das incríveis graças com que chegava o nóvo nome aos destinatários de cartas de todo o Brasil. E hoje surgiu uma fórmula de coexistência entre o velho e o nóvo. Um distrito de Assis Chateaubriand chama-se Tupássy. O povo — ainda não esquecido totalmente do antigo nome — prefere dizer «Nóvo Tupássy».

O fato é que a história cada vez fica mais para trás — e o que importa aos moradores de Assis Chateaubriand, como «front» de progresso, é o futuro. O que será o município no futuro?

«Será o maior da região — responde com convicção Rudy Alvarez. Maior do que Rondon, maior do que Toledo, maior do que qualquer outro município do Vale do Piquiri, onde cada vez mais torna-se um ponto de convergência. Futuro entroncamento de importantes ligações rodoviárias, como Umuarama-Cascavel e Goio-Erê-Guaira, o município tem um futuro sem limites à sua frente. Ou melhor, limitado apenas pela vontade e pela capacidade de trabalho de sua gente».

Rudy Alvarez, diretor da Colonizadora Norte do Paraná é o principal responsável pela formação de uma mentalidade desenvolvimentista e confiante entre os homens de Assis Chateaubriand.





EM SE PLANTANDO, TUDO DÁ...

Com 8 milhões de pés de café plantados, Chateaubriand será, em futuro próximo, um dos grandes produtores paranaenses. Em cima, alguns exemplos do desenvolvimento da rubiácea, colhidos na fazenda do prefeito Manoel Souza Ramos. Embaixo, a fértil lavoura de milho e feijão na estrada Assis—Palotina mostra que a velha afirmação é sempre verdadeira.





O prefeito Manoel Souza Ramos, firme e dinâmico, soube imprimir a Assis Chateaubriand a velocidade do progresso.

Muito do que Assis Chateaubriand é hoje deve a um homem tranquilo, nascido em Palmeira dos Índios, Alagoas — terra de Graciliano Ramos — chamado Manoel Souza Ramos. Desde 1961, ele está intimamente ligado ao progresso da cidade, na qualidade de um dos primeiros pioneiros. No ano passado, quando o distrito foi transformado em município, emancipando-se, foi ele o indicado pelo governador Paulo Pimentel para assumir as pesadas responsabilidades de instalar a Prefeitura e organizar os serviços municipais.

Com voz calma, gesto firme, ele foi aos poucos estruturando a administração. As dificuldades iniciais foram superadas graças à compreensão de todos. E hoje o prefeito Manoel de Souza Ramos pode afirmar, satisfeito, que seu município é o que apresenta a mais elevada taxa de crescimento em todo o Vale do Piquiri. Isso não foi conseguido sem muito trabalho e — principalmente — bastante coragem. O município teve que assumir, desde o momento de sua instalação, compromissos muito sérios. Como o de cuidar de todas as estradas que o cortavam em várias direções, num total de 1.500 quilômetros. A falta de verbas e a pequena arrecadação inicial chegaram a colocar a administração perante difíceis compromissos financeiros. Mas o prefeito enfrentou todos, comentando: «Prefiro ficar devendo para uma firma empreiteira do que ficar devendo obras essenciais para o povo de Assis Chateaubriand».

O resultado desse trabalho foi a ampliação e melhoria de 150 km de estradas municipais, graças ao trabalho quase ininterrupto de duas máquinas arrendadas e, agora, de um trator D-4, recém-adquirido. O resultado inclui também 350 metros de pontes, além de uma em construção sobre o Rio Verde, no traçado da futura BR-272, ligando Chateaubriand a Formosa e o distrito de Jesuíta. Já foram também construídos 45 km de estrada para Cascavel, com aplicação de 60 milhões de cruzeiros velhos.



Estrada é um dos fortes da administração de Chatô. Dos 228 quilômetros de estradas construídas ou retificadas temos: 42 quilômetros na ligação com Cascavel, 25 na estrada Encantado—Palotina; 9 para Jesuítas, 19 para Pôrto São Pedro, 33 para Bragantina, 15 para Palmitolândia, 9 para Tupãssi—Bragantina, 20 para Sileirópolis, 25 para Marechal Cândido Rondon e 30 para Iporã. Foi preciso construir 3 pontes na ligação com Cascavel, 2 na de Palotina, 1 na de Formosa, 2 na de Palimópolis, 1 na de Terra Boa—Silveirópolis, 1 na de Bragantina, 2 na de Patrimônio Nice e 1 sobre o rio Alívio. Além desse esforço, houve ainda a abertura de um pôrto nôvo na ligação Assis—Umuarama.



JÁ NASCERAM
3.994 CRIANÇAS EM
ASSIS CHATEAUBRIAND
E A PREFEITURA
LUTA PARA DAR
BOAS ESCOLAS
PARA TODOS



O Grupo Escolar agora terá capacidade maior para atender as crianças, pois o Ginásio funcionará em instalações próprias.

O problema escolar é um dos mais sérios no jovem município. Apesar das 52 escolas rurais, do grupo escolar da sede, dos 98 turnos em funcionamento, das 16 escolas em construção (inclusive um moderno grupo de seis salas, pré-fabricado), o número de alunos ainda supera o de vagas. Há 4.446 crianças estudando atualmente. Calcula-se que a população em idade escolar chegue à casa das 10 mil. Temos, portanto, um déficit potencial superior a 5 mil bancos escolares. Que só será sanado com novos e maciços investimentos, tanto de origem municipal, como principalmente de origem estadual ou federal.

Já no setor agrícola, Chateaubriand tem um único e grave problema — que aliás é o de todo o Paraná: falta de preço. O mercado é ainda vendedor e enquanto persistir essa situação, os preços só serão melhorados com interferência do Governo federal, através do Banco do Brasil. Infelizmente, a falta de armazenamento adequado e os níveis escassos dos preços mínimos ainda obrigam grande número de produtores a entregarem a mercadoria a intermediários.

De qualquer forma, a produção municipal é das mais importantes no Vale do Piquiri. Deverá, nesta safra, atingir dois milhões de sacas de milho, 270 mil kg de hortelã, 135 mil sacas de soja, 108 mil sacas de feijão, 68 mil sacas de arroz. A produção de café, por enquanto, anda ao redor de 5 mil sacas, embora seja de 8 milhões o número de pés de café plantados no município. Calcula-se que quando a lavoura entrar em produção plena, haverá 500 mil sacas de café para exportar. O algodão chega, este ano, a 40 mil arrobas e a implantação dessa cultura prossegue firmemente.

Esses dados de produção começam a se refletir de forma impressionante na arrecadação do município e permitem a elaboração de um orçamento de 750 milhões de cruzeiros velhos para 1968.

SEGUE



A presença de um seminário em Assis (foto em cima) indica a confiança dos religiosos no futuro da cidade. O crescimento da população escolar é tão acentuado que a Prefeitura foi obrigada a adotar o sistema de construção de prédios escolares pré-fabricados. As fotos embaixo mostram duas etapas da construção de uma escola, fotos tiradas no intervalo de 10 dias.





O progresso não escolhe residência. No Encantado, o aumento incessante do número de pequenas indústrias, casas comerciais e residências mostra a pujança do desenvolvimento do distrito e de todo o município.



Todos os tipos de indústria florescem em Assis Chateaubriand. Em cima, uma fábrica de carroças e carroçarias. Embaixo, dois aspectos de uma laminadora que consome dezenas de toneladas de madeira-de-lei mensalmente, contribuindo para o aumento da mão-de-obra ocupada e incrementando a economia municipal.

Sómente com o ICM foram arrecadados 130 milhões de abril a outubro (a previsão era para 120 milhões durante todo o ano), o que faz o prefeito Manoel Souza Ramos afirmar: « ICM é uma conquista irreversível dos municípios, no sentido de sua plena emancipação econômica e de seu integral desenvolvimento », rejeitando qualquer hipótese de voltar ao regime anterior de distribuição da receita pública.

Apesar de sua curta existência, Chateaubriand é um dos municípios que mais seriamente enfrentam o problema da industrialização. Basta dizer que oferece aos empresários as seguintes vantagens:

1. Doação do terreno.
2. Fornecimento grátis de energia elétrica durante 5 anos.
3. Fornecimento grátis de água.

Em consequência dessa política agressiva de industrialização, o município já possui uma grande laminadora, uma fábrica de conserva de palmito (e outra está a caminho), 14 serrarias, 5 olarias, uma fábrica de carrocerias, 10 máquinas de arroz.

Ao lado da industrialização, a Prefeitura pensa muito seriamente em termos de energia elétrica. A atual hidrelétrica do Rio Alívio (140 kW) está sendo ampliada em mais 400 kW. A hidrelétrica foi construída por iniciativa dos próprios moradores da cidade, que constituíram, com o apoio da Colonizadora Norte do Paraná, uma Cooperativa de Água e Eletricidade. São 205 os atuais consumidores, havendo mais 500 cooperados aguardando que o Departamento de Águas e Energia Elétrica faça a ampliação da rede. Quando chegar a energia da Copel, a Cooperativa entregará à empresa todo o seu acervo, passando a cuidar apenas do problema de saneamento. Já há, neste sentido, um projeto em fase final de elaboração.

No setor de saúde pública, o município está construindo um posto de saúde, para entregar futuramente à Secretaria de Saúde. Existem dois hospitais na cidade, equipados com material moderno, inclusive Raios-X. Sua capacidade é de 38 leitos, podendo ser ampliada, em casos de emergência.



TUDO É NÓVO EM ASSIS CHATEAUBRIAND E A PRIMEIRA CRIANÇA REGISTRADA NO TABELIONATO DA CIDADE É UM SIMBOLO DAS ESPERANÇAS DO SEU POVO PARA UM FUTURO DE PROGRESSO

Esta é a equipe de auxiliares diretos do prefeito de Assis Chateaubriand. Trabalhando muitas vezes em regime de tempo dobrado, eles ajudaram a consolidar a máquina administrativa do Município e agora trabalham arduamente para torná-la sempre atualizada e em condições de responder às novas necessidades.

José Roberto Grabowski é o primeiro cidadão de Assis Chateaubriand, sob o ponto de vista legal. Por sinal, jovem cidadão. Tão jovem como a mentalidade dinâmica da gente de Assis. De certa forma, José Roberto constitui um símbolo desse dinamismo. Como é simbólico o fato de, até dezembro, terem sido realizados 697 casamentos.

Um dos orgulhos de Chateaubriand é a segurança com que está sendo aplicado seu plano de urbanização, elaborado por técnicos a convite da Colonizadora Norte do Paraná. O prefeito Manoel Souza Ramos costuma comentar que um dos sinais do desenvolvimento urbanístico da cidade não está nas ruas bem cuidadas do centro, mas na Vila Progresso, onde moram as famílias mais modestas. Ali, as datas foram vendidas até por 100 cruzeiros novos, com a única condição de que o proprietário construísse imediatamente (o que, aliás, é obrigatório em todos os outros pontos, para evitar a especulação imobiliária). O resultado é que a Vila possui hoje mais de 300 casas e algumas daquelas datas vendidas a 100 valem agora cinco vezes o seu preço. Uma população obreira instalou-se ali e a Vila tende a se expandir cada vez mais.

Para a jovem cidade de Assis Chateaubriand, tradição é uma palavra que não

faz sentido. Tudo é novo, embora resultado das muitas experiências em outras cidades brasileiras. Entretanto, todo o morador gosta de mostrar o local onde foi construída a primeira casa, por um baiano chamado Manoel Vicente dos Santos, ou onde se localiza o seminário dos padres, já com 64 alunos, entre internos e externos. E não esquece de lembrar que a primeira criança ali nascida e registrada no tabelionato foi o menino José Roberto Grabowski, cujo sobrenome parece provar o próprio caráter aberto da colonização.

Assim é Chateaubriand, uma cidade muito preocupada com o desenvolvimento. Assim é seu povo bom e trabalhador, que só tem um compromisso com o progresso. E esse compromisso há de ser cumprido muito em breve, dentro do atual ritmo de desenvolvimento da mais nova cidade do Vale do Piquiri.

SEGUE

O movimento comercial é intenso. Novas lojas vão surgindo toda a semana, contribuindo para aumentar ainda mais o desenvolvimento de Assis Chateaubriand.





Os Hospitais São Bento e São Lucas, modernamente equipados, asseguram a Chateaubriand um alto nível de atendimento médico-hospitalar. Em cima, as novas instalações de cirurgia do Hospital São Lucas.

Ao fazer o balanço do que foi feito e do que está por fazer, o prefeito Manoel Souza Ramos considera que o crescimento vertiginoso alcançado em tão curto espaço de tempo não pode ser creditado a uma só pessoa, mas a toda a coletividade de trabalho. Entretanto, gosta de lembrar o trabalho do deputado Roberto Galvani, eleito graças à votação em massa do eleito municipal, que lhe deu mais de 90% dos votos. «É um homem que tem trabalhado incessantemente por Assis Chateau-

briand — e sempre encontra alguma coisa a mais por fazer».

O que está por fazer não é pouco: desde a nova estação rodoviária, até a alteração do traçado da BR-272 e a obtenção de um canal de micro-ondas. Sem falar na instalação de um armazém da Cibrazem — reivindicação urgente dos produtores municipais —, da construção do novo aeroporto, da agência do DCT, da energia da Copel, da instalação da Comarca, de mais escolas públicas, de assistência efetiva da Saúde Pública, de um posto rural.

«De qualquer forma — conclui o prefeito — estamos certos de que o futuro do município está assegurado, pelo sacrifício, pelo esforço e pela dedicação dos pioneiros, que souberam instalar os serviços básicos para seu desenvolvimento. E o importante é que não se perca, por nenhum motivo, este clima de entusiasmo que vem atraindo cada vez mais gente para nossa cidade, onde encontram sempre a perspectiva de melhores condições de conforto e maiores possibilidades de sucesso».

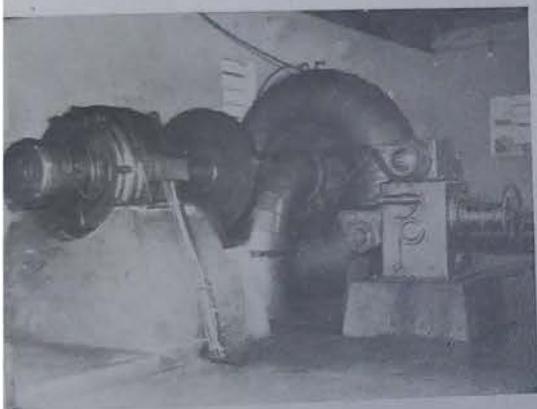
Na Vila Progresso (foto à esquerda) nasce uma casa praticamente todo o dia. O crescimento vertiginoso obrigou a prefeitura a aumentar sua dedicação ao mais novo bairro de Assis Chateaubriand. Embaixo, a Farmácia e Drogaria "O Bom Samaritano" é um dos mais completos estabelecimentos farmacêuticos da região.



O ESFORÇO
E A DEDICAÇÃO
DOS PIONEIROS
IMPLANTARAM AS
BASES PARA UMA VIDA
FELIZ E O PROGRESSO
DA CIDADE

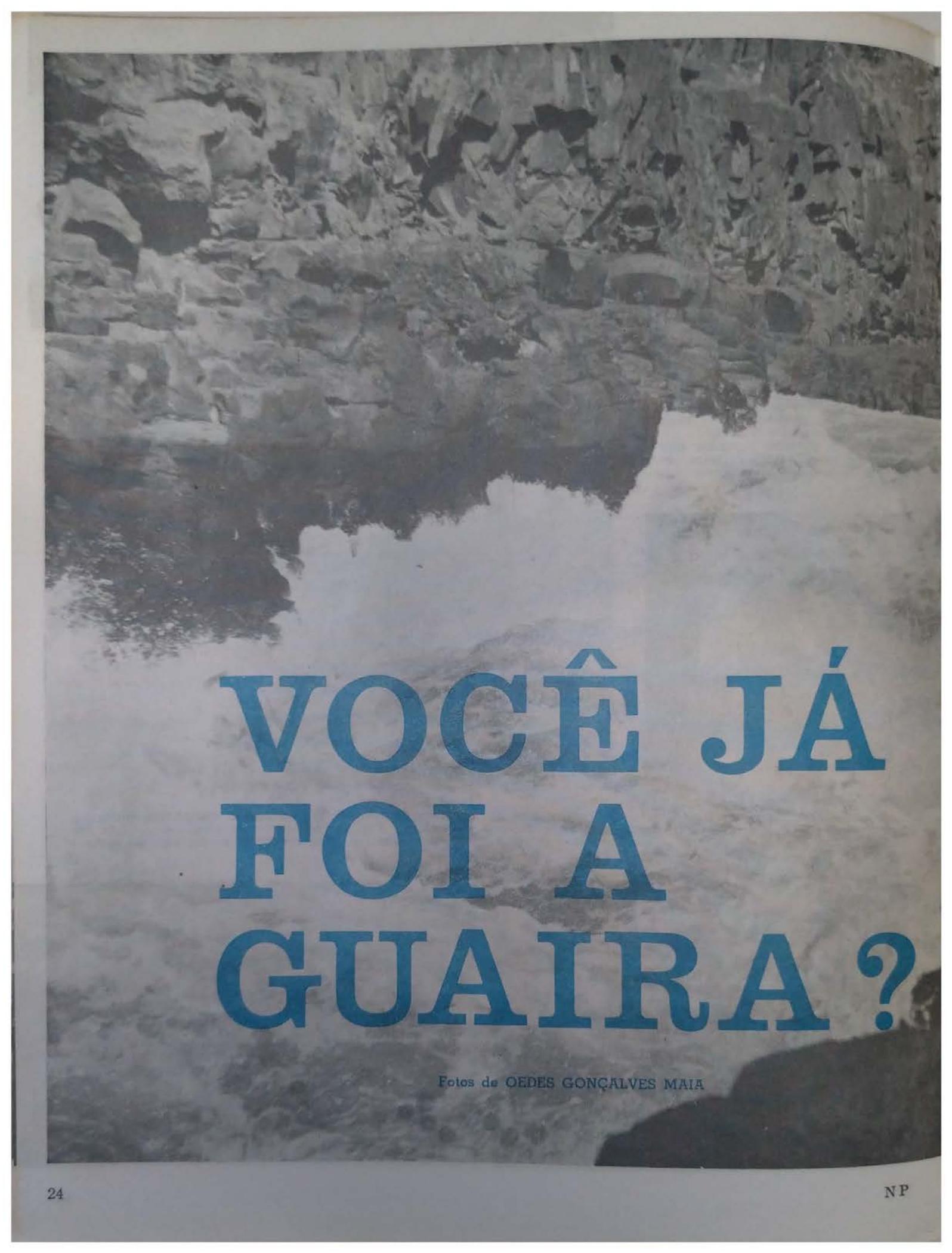


O Rio Alivio é um bom local para a prática de esportes aquáticos (foto em cima). É aqui também que se situa a captação de água para a usina elétrica, (foto ao lado) equipada com turbinas modernas (foto embaixo) e todos os recursos de engenharia previstos.



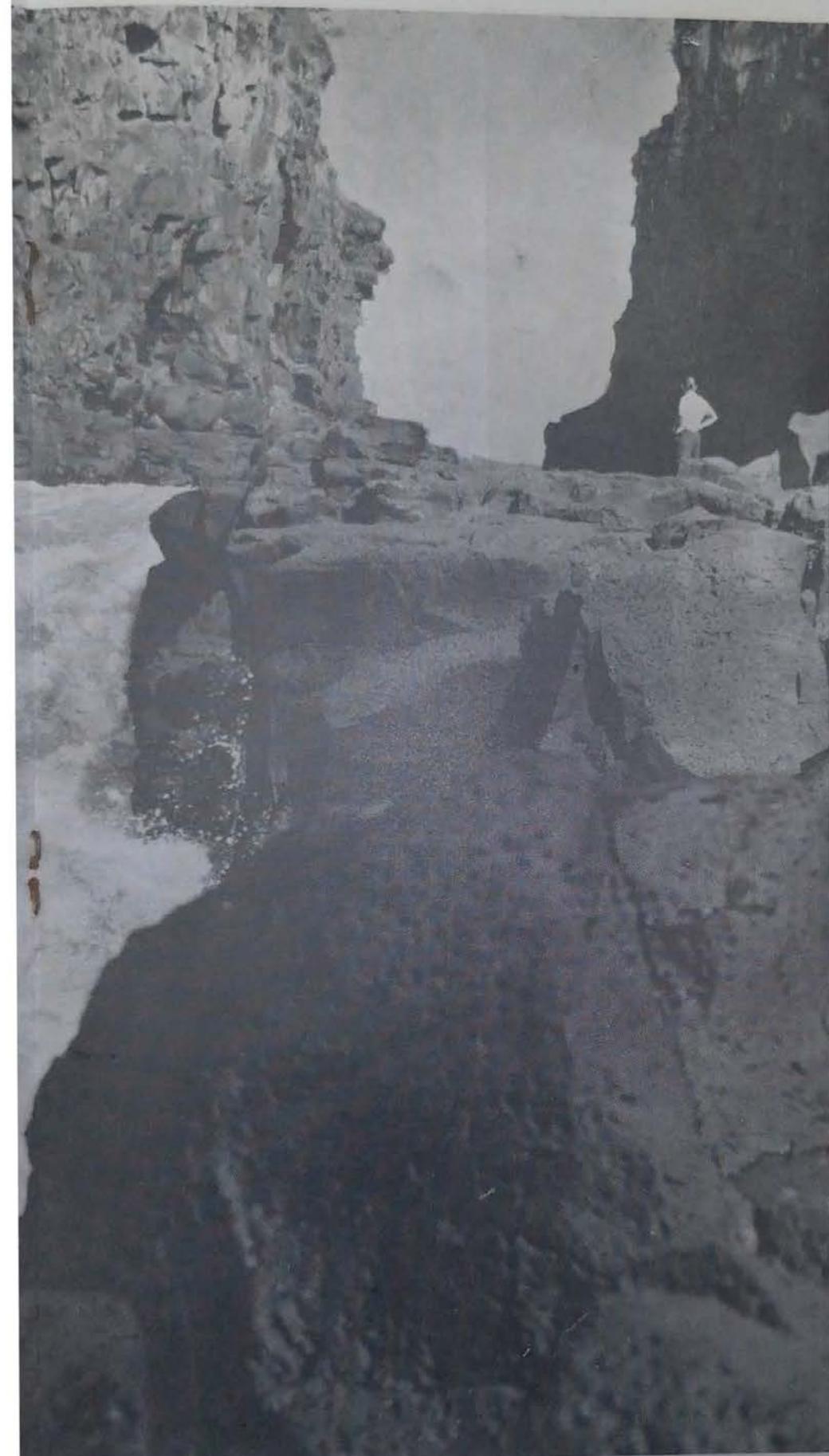
O estádio José Martínez Robles pertence à Associação Atlética Assis Chateaubriand, cuja equipe desenvolveu brilhante campanha no campeonato patrocinado pela Liga Regional de Toledo. Mas não se conformou com uma decisão arbitrária do presidente da Liga e decidiu retirar-se do campeonato. Agora, já tendo rearmado novamente sua equipe, prepara-se para voltar a concorrer.





**VOCÊ JÁ
FOI A
GUAIRA?**

Fotos de OEDES GONÇALVES MAIA



Você já foi a Guaira?
Se foi deve ter sentido
aquela sensação de ter nas
mãos o diamante mais raro
do mundo e não encontrar
ninguém disposto a
lapidá-lo.

Exatamente o mesmo
que sentem os homens que
pensam seriamente em
turismo, conhecem o
problema — e sabem que o
Brasil está demorando
muito em aproveitar uma
das mais importantes
atrações que possui.
Como está, também,
deixando de aproveitar um
potencial energético
equivalente a 10 milhões
de kW.

Esta reportagem é,
sobretudo, uma denúncia
do criminoso abandono em
que se encontra o Parque
Nacional das Sete Quedas,
mas serve para mostrar
também a esmagadora
beleza dos saltos.

Uma beleza que bem
poderia ser transformada
em dólares.

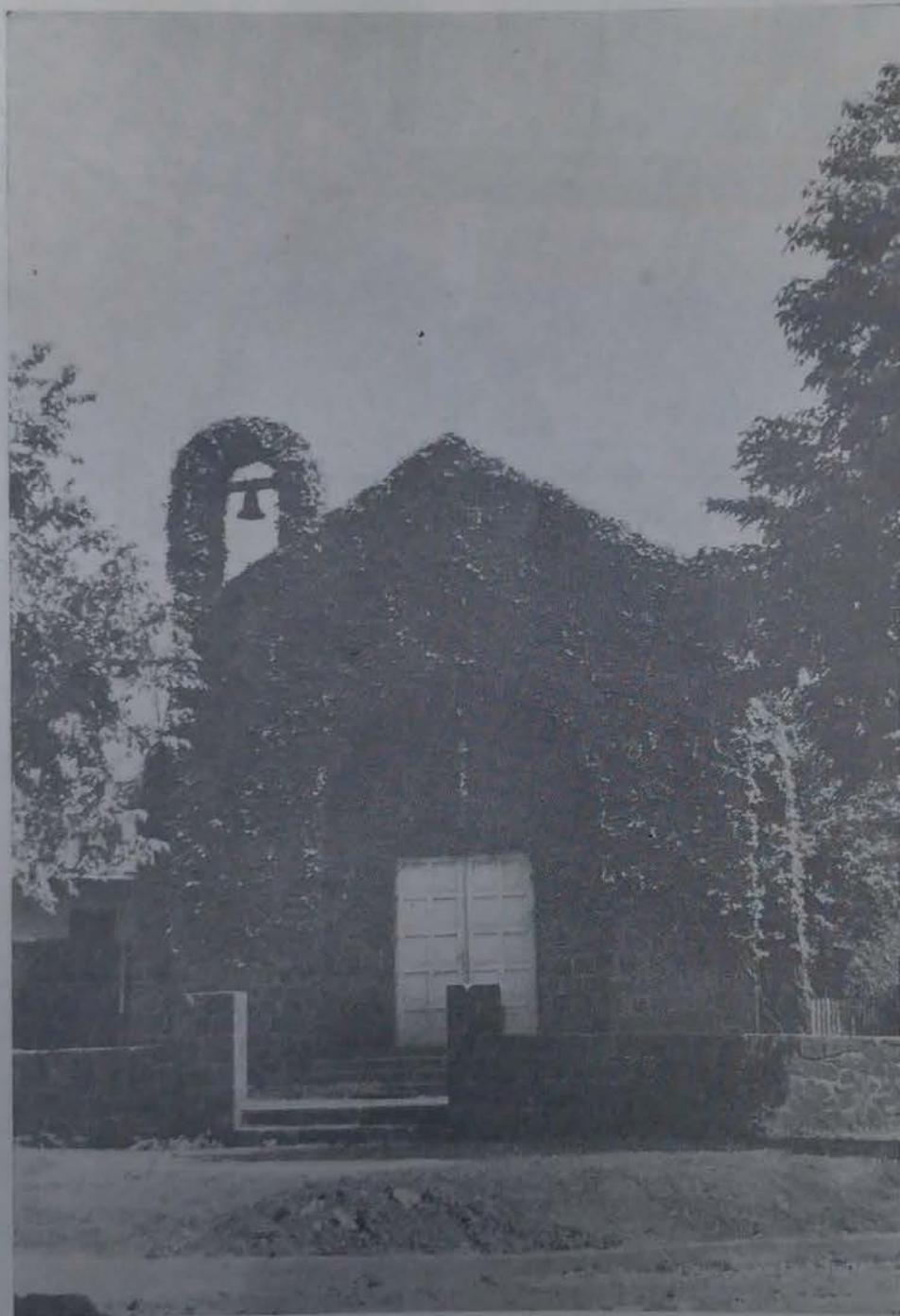
E é o que já está
providenciando o atual
governo do Paraná, através
da Secretaria de Indústria
e Comércio, reclamando
do Governo Federal a
restauração do Parque
Nacional de Guaira.

SEGUE

VOCÊ JÁ FOI A GUAIRA?

O BANDEIRANTE RAPOSO TAVARES
INICIOU A GRANDE OBRA
QUE AINDA ESTÁ POR TERMINAR

Uma das atrações da cidade é a igreja em estilo normando.



Quem vai, gosta de saber para onde está indo. No caso de Guairá, é bom começar pelas coordenadas: 24 graus e 4 minutos de latitude sul e 54 graus e 11 minutos de longitude oeste. Olhando no mapa, vê-se as quedas localizadas na fronteira entre o Paraná, Mato Grosso e a República do Paraguai, a 231 metros de altitude.

O clima é bom e saudável. Um pouquinho quente e úmido na primavera e verão, mas fresco e suave no outono e inverno, com uma temperatura média anual de 21 graus.

Guairá tem cerca de 30 mil habitantes — colonos gaúchos, lavradores paranaenses, italianos, paulistas, mineiros e nordestinos, descendentes de paraguaios, japoneses, alemães. Um povo caímo e trabalhador, na maioria católico, mas com setores protestantes, espíritas, muçulmanos e budistas.

Até a metade do século 16, Guairá pertencia legalmente — como todo o Estado do Paraná — à Espanha, em virtude do Tratado de Tordesilhas. Mas era habitada apenas por tribos selvagens. (Os remanescentes dessas tribos ainda vivem a 60 km de distância, mas já adaptados à civilização.)

O Paraguai empreendeu um sério esforço de colonizar a região, que serviria como ponto de apoio para o grande salto em direção ao Atlântico. Foi criado o «pueblo» de Ontiveros, a sete quilômetros das quedas. E mais tarde a Ciudad Real del Guairá, cujas ruínas ainda podem ser vistas pelos visitantes. Por último, fundou-se Vila Rica do Espírito Santo, na confluência dos rios Corumbataí com o Ivaí, que prosperou e tornou-se a sentinela avançada da colonização castelhana.

Em 1629, Guairá começava a deixar de ser espanhola. Os bandeirantes paulistas assolavam periodicamente seu território, capturando os índios reunidos pelos missionários jesuítas e destruindo os «pueblos», povoados de espanhóis. Em 1632, Vila Rica, último reduto da resistência castelhana foi sitiada por Antonio Raposo Tavares e dominada.

Finda a possibilidade de colonização espanhola, os portugueses levaram bastante tempo até tomar a iniciativa. Sua primeira preocupação foi fincar o pé firmemente no litoral atlântico, só depois subindo ao primeiro e segundo planaltos. E a Guairá de hoje é uma cidade que surgiu na primeira metade do século 20, pela colonização da Companhia Mate Laranjeira, proprietária de toda a área.

Em 1944, por ato do Presidente da República, a Mate Laranjeira foi encampada pelo Serviço de Navegação da Baía do Prata, sendo a região de Guairá adquirida



O asfalto mostra que Guaira já está amadurecida para receber visitantes de todas as partes.

O MAIOR POTENCIAL HIDRELÉTRICO E UM GRANDE CENTRO TURÍSTICO EM POTENCIAL

pelo Governo do Estado do Paraná, que constituiu o atual município de Guaira. O ato oficial de criação do município foi assinado em novembro de 1951.

Dezembro de 1967. Guaira aqui está, uma cidade limpa, de ruas largas e um povo alegre. Uma das poucas cidades paranaenses que se pode orgulhar de possuir quartel do Exército, destacamentos da Marinha e Aeronáutica, repartições do Ministério da Agricultura e Viação.

Fica na faixa de fronteira, é considerada de importância estratégica para a Nação, a Embratur a incluiu em seu plano de metas prioritárias, a Eletrobrás montou um escritório na cidade para estudar o aproveitamento do potencial energético das Sete Quedas.

Teoricamente, Guaira é uma cidade realizada. E, no entanto, nunca houve tanta coisa por realizar como hoje. Talvez em

razão mesmo das amplas perspectivas de progresso e das imensas possibilidades de contribuir de maneira mais efetiva para a economia brasileira, em dois setores fundamentais: energia elétrica e turismo.

Sobre energia elétrica há um projeto do engenheiro Marcondes Ferraz, que prevê a construção de uma gigantesca hidrelétrica, capaz de gerar 4 milhões de kW — a maior unidade geradora que funcionaria no Brasil. O projeto prevê ainda a construção de um canal desviando o rio Paraná para leste, que possibilitaria a navegação, através de um sistema de comportas, até Porto Mendes. E' grande demais, ousado demais — e simplesmente foi colocado em alguma gaveta ministerial.

Sobre turismo, há o Parque Nacional de Sete Quedas, pertencente ao Ministério da Agricultura, criado durante o governo Jânio Quadros, que simplesmente está no mais total abandono. Talvez seja também

grande e ousado demais, do contrário os funcionários federais teriam cuidado de executar com um mínimo de eficiência ao menos uma parte daquelas missões banais de que foram encarregados.

A verdade é que até as pontes pênseis, que permitem admirar melhor algumas quedas, são conservadas pelo Município e pelos clubes de serviço de Guaira. Recentemente, o Lions e o Rotary Club se reuniram para substituir os velhos cabos de aço, destinados à sustentação das pontes, que o tempo estava acabando de consumir.

Assim é Guaira, cidade estratégica, ponto prioritário do turismo nacional, nome que aparece nos planos da Embratur e da Eletrobrás. Mas que pode afirmar — com um misto de amargura e orgulho — que todas as coisas boas encontradas pelo visitante vieram de seu próprio esforço.

SEGUE

VOCÊ JÁ FOI A GUAIRA?

OS CAMINHOS DIFÍCEIS SÓ SÃO RECOMPENSADOS
PELA BELEZA DAS QUEDAS

- Cuidado, aquela táboa está solta!
- Me dê a mão, filho.
- Estou com medo, a ponte balança muito.

Todo o dia, a tôdas as horas, ouve-se alguém temendo pela sua segurança nas pontes pênséis e nas passarelas adaptadas que levam às quedas. O que existe é em grande parte devido ao esforço do Município e de clubes de serviço para conservar o caminho das quedas. Mas não se pode pensar em termos de turismo internacional dêsse jeito. Era preciso ao menos que o administrador do Parque fôsse obrigado a morar em Guaira. Assim êle ouviria diàriamente as reclamações dos visitantes. E poderia, se quisesse, conferir para ver se são verdadeiras. Mas as fotos parecem não deixar dúvidas. Resta o confôrto das providências já adotadas, pelo govêrno Paulo Pimentel, no sentido da restauração do Parque Nacional de Guaira, a começar pela reconstrução das pontes suspensas, como medida prioritária. O que se espera, é que o Ministério da Agricultura não se furte à tarefa de colaborar com o govêrno paranaense na consecução desses objetivos.





No caminho das quedas tudo é abandono e as passagens sôbre os precipícios representam perigo constante para os turistas. Táboas apodrecidas, cabos quebrados, e até um recanto para pique-niques, construído pela prefeitura, não é conservado pela administração do Parque de Guaira

SEGUE



VOCÊ JÁ FOI A GUAIRA?

O ESTADO ESTÁ LEVANDO A GUAIRA
AS MICROONDAS, MAS A UNIÃO
NÃO TEM SEQUER AGÊNCIA DO DCT

Como fazer para transformar Guaira num grande centro de turismo? A resposta poderia ser dada pelo governo do Paraná, que tomou a iniciativa de construir lá um hotel com um mínimo de conforto. E que está construindo algumas estradas prioritárias demandando a região. (Maringá-Campo Mourão e Maringá-Umuarama.)

Também deve-se ao governo estadual a ligação de Guaira à rede de microondas, em fase final de realização. E outras obras importantes.

Mas parece mais acertado ir procurar esta resposta com um cidadão de Guaira, Ernesto Mann, proprietário da única agência de turismo da cidade, diretor do Departamento Municipal de Turismo, construtor de um zoológico no centro de Guaira (hoje fechado porque o proprietário foi

obrigado a vender os animais). Mas, acima de tudo, um apaixonado pela região.

Ele aponta como principal problema o acesso a Guaira. A precariedade dos meios de transporte afugenta milhares de visitantes anualmente e só poderá ser superada com o término das estradas vindo de Maringá, Cascavel, Campo Mourão e Foz do Iguaçu. Estradas asfaltadas, bem entendido, pois não é possível pensar racionalmente em turismo em rodovias de pó.

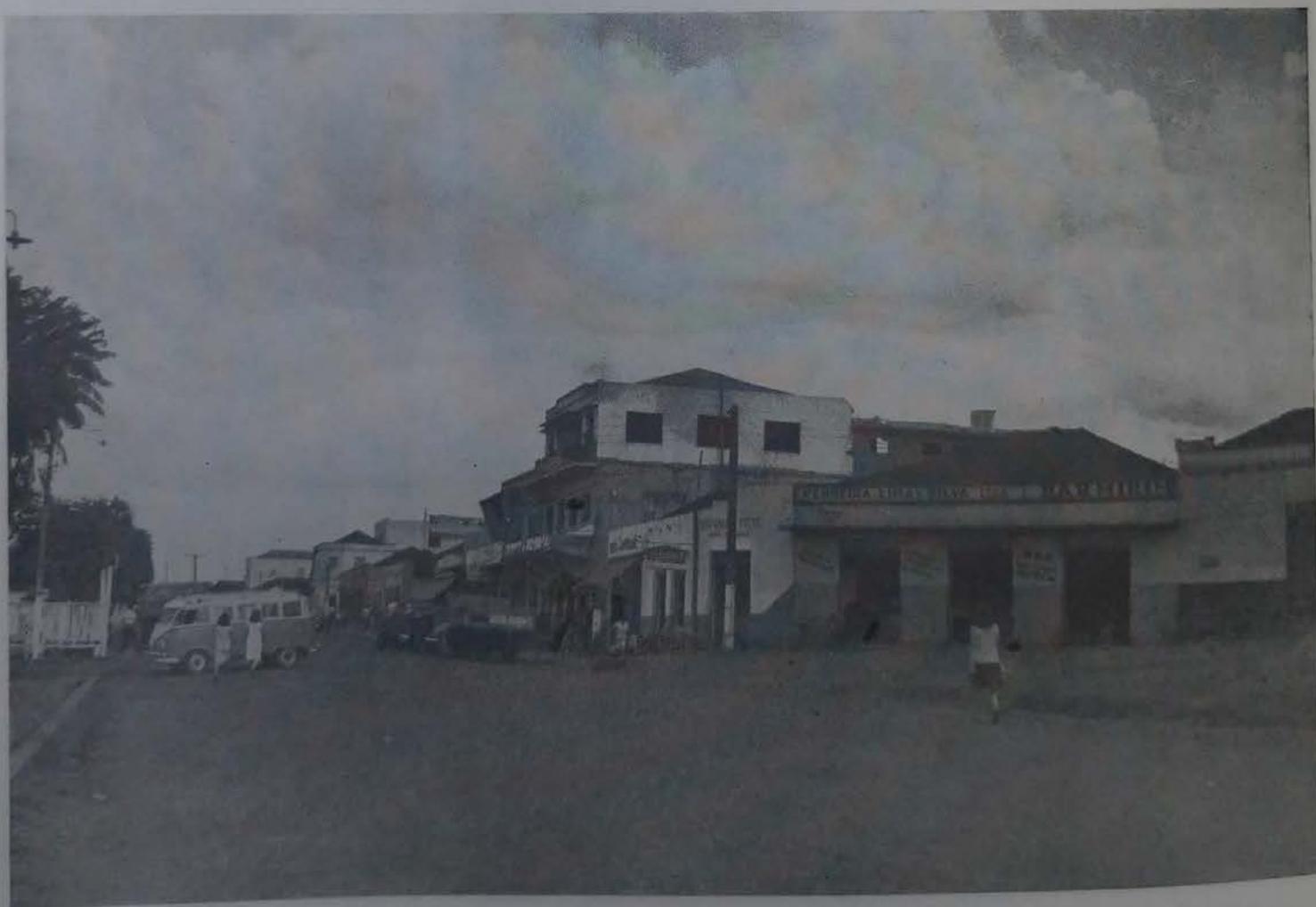
Outro item de seu relatório — que serviu de subsídio ao Plano Estadual de Turismo, elaborado pela Serete — é o término do novo campo de aviação (abandonado misteriosamente em 1964) e a remoção do antigo, que fica no centro da cidade, prejudicando a feição urbanística e ameaçando a segurança dos viajantes e dos moradores.

Ainda no setor de transportes, a navegação pelo Rio Paraná desempenha papel de importância. Só quem fez a viagem de barco entre Pôrto Epiácio, em São Paulo, e Guaira, pode entender quantas atrações ela oferece. Desde que sejam dadas melhores condições de conforto aos viajantes.

Passando para o setor das comunicações, é claro que a chegada das microondas representará um sensível melhoramento. Mas é bom lembrar que Guaira não possui ainda uma agência dos Correios e Telégrafos, coisa elementar em qualquer centro de turismo. Principalmente tendo em vista a necessidade de reserva de lugar em hotéis e aviões ou ônibus.

Se fôr feito isso — acha Ernesto Mann — o restante fica a cargo das Sete Quedas.

Guaira é uma cidade limpa e organizada, a que falta apenas a vibração de uma grande indústria turística.





A estrada para as Sete Quedas é bem conservada pelo Município. São apenas 4 quilômetros ligando a cidade aos saltos. Por aqui, no futuro, passará o trenzinho.

E o Governo do Estado, como tem enfrentado a questão das Sete Quedas?

Em primeiro lugar, sofre as limitações naturais da faixa de fronteira e da distância entre Guaira e os centros de decisão. Limitações e decisões que aumentam mais à medida que a União vai assumindo maiores compromissos formais, como no caso da criação do Parque Nacional das Sete Quedas.

De qualquer forma, o setor de comunicações, na parte estadual, será atendido em 1968, com a ligação ao ramal de Umuarama. E o sistema de estradas de rodagem progride rapidamente em direção a Guaira, já estando quase pronta a ligação Campo Mourão-Maringá e iniciada a Maringá-Umuarama.

O incentivo ao turismo começou com a construção do hotel — hoje doado à Prefeitura Municipal — e continua com promoções publicitárias.

Infelizmente, em dois pontos de fundamental importância — o aeroporto e o Parque Nacional — o Estado não pode fazer outra coisa senão pedir à União para que tenha mais carinho com Guaira.

E enquanto perdurar a atual situação — o Estado atado às restrições formais, a União esquecendo as necessidades de Guaira — será muito difícil superar as dificuldades à plena expansão do turismo.

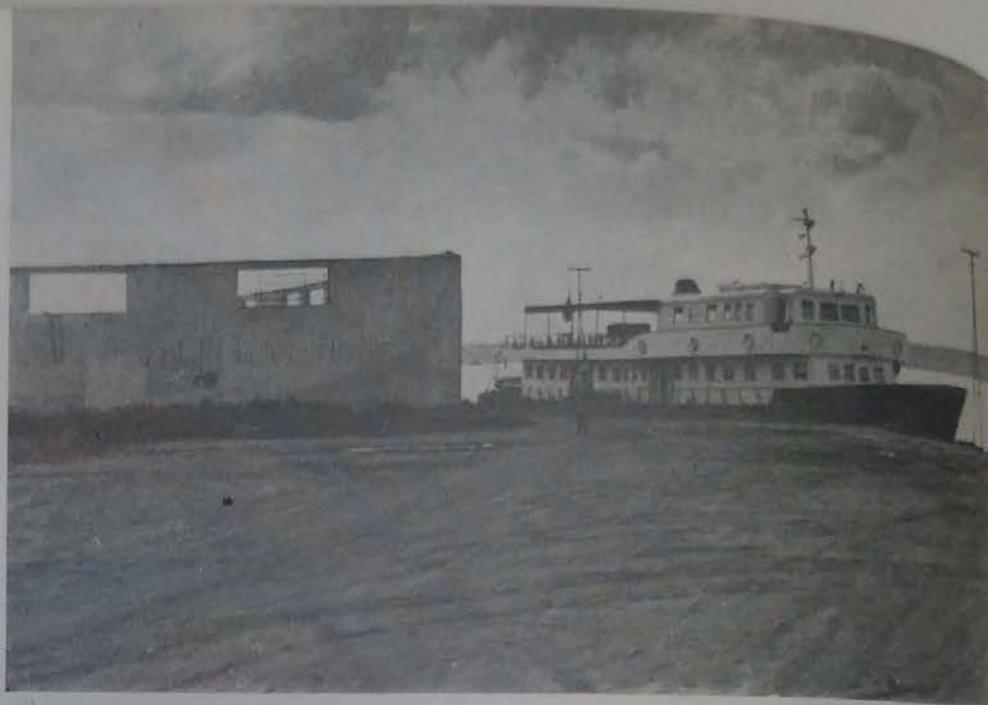
O AEROPORTO INACABADO E O PARQUE NACIONAL ABANDONADO SÃO PARA AFUGENTAR TURISTA

O quartel da 5ª Companhia da Fronteira é modernamente construído.



VOCÊ JÁ FOI A GUAIRA?

MAS, APESAR DE TUDO,
VALE A PENA
CONHECER AS 7 QUEDAS
E A CIUDAD REAL
DEL GUAIRÁ



O porto de Guaira está praticamente abandonado. E, no entanto, a ligação com São Paulo é feita em apenas 20 horas de viagem.

Não obstante tudo isso, leitor, vale a pena conhecer Guaira. O que poderá ser feito através de táxi aéreo ou por rodovia. O melhor caminho para os que vem do sul é Foz do Iguaçu (o asfalto está quase chegando lá) e depois uma estrada bem conservada que faz a ligação Foz de Iguaçu-Guaira. Para os que vem do norte, é preferível o roteiro Maringá-Umuarama-Iporã-Guaira, por onde há mais asfalto.

Normalmente não há falta de hotéis, a não ser em épocas de grande demanda de leitos, como nos meses de janeiro e fevereiro. Em Guaira há um total de 400 leitos, sendo 200 em hotéis bem instalados, e 60 camas em apartamentos. Pode procurar sem susto o Hotel Sete Quedas, o Guaira Palace Hotel, o Hotel Danúbio ou o Hotel Thomé.

Se você preferir comer antes de passear, tome nota desses nomes: restaurante do Hotel Sete Quedas, Restaurante Icarai (nos saltos), Restaurante Tia Eliza, Restaurante Itapoã e Restaurante do Cícero. Há outros, menores, mas com bom tratamento. O importante é que os preços, tanto nos hotéis como nos restaurantes, são baixos em relação a qualquer outra cidade turística.

Bem, agora é hora de visitar as quedas. Tome pela estrada asfaltada que vai até a Vila Militar, seguindo depois pela bem conservada (a conserva é municipal) estrada do Parque. São apenas 4 quilômetros. As quedas não tem nomes, têm números. Os saltos do grupo 9 são os maiores e mais bonitos, mas também são bonitos os do grupo 4. No grupo 14, você ficará deslumbrado: um canal de rochas, de 2 km de extensão com um desnível de 50 a 70 metros.

Em mais de 200 pequenas e grandes quedas, desabam dois terços de toda a água do Rio Paraná, chocando-se contra rochas, a procura de seu caminho para o sul.

A descoberta dos saltos é feita pouco a pouco. Uma espécie de «strip-tease» da natureza, que torna maior o prazer da descoberta. As pontes pênseis, como já foi dito, estão feias e esquecidas, mas oferecem segurança graças a esforços do Município e de grupos particulares.

Para conhecer todos os saltos, você gastará mais de um dia e terá que fazer uma viagem para o outro lado do rio. Se tiver tempo, vá, que vale a pena.

Como valem a pena, também, aceitar outros convites para conhecer atrações regionais. A Ilha do Tucano, por exemplo, fica a apenas 35 km, rio acima, e oferece oportunidades para pescarias e passeios de lancha pelo Rio Iguatemi, chamado «o Eldorado de caçadores e pescadores». Se você quiser, por apenas um milhão de cruzeiros será o proprietário de uma linda on-

ça, com direito de dizer que ela foi caçada pessoalmente.

Um pouco menos distantes (23 km), estão as ruínas da Ciudad Real del Guairá, que — como foi dito no começo — constituíram um dia um posto avançado da colonização espanhola no Brasil. Devastada em 1632 pelos bandeirantes paulistas, conserva entretanto bem delineados seus contornos. Para quem se interesse em arqueologia, o campo é virgem ou quase: poucos entendidos chegaram até Guairá anteriormente.

Outro programa é a viagem de navio para Porto Epitácio. Escolha, por exemplo, o navio «Epitácio Pessoa», que oferece acomodações de primeira classe para 56 passageiros, comida excelente e bar bem instalado. Para subir o rio, 26 horas; para descer, 20 horas. E a alegria de dizer: «Já naveguei por este rio-mar».

Há outras excursões, caçadas, pescarias sensacionais, que custarão apenas o trabalho de pedir os conselhos de um especialista.

GUAIRA DE AMANHÃ TERÁ ATÉ BONDINHO VOADOR PARA TURISTA VER MELHOR AS SETE QUEDAS

Mas, se Guaira é assim hoje, como será quando receber tudo o que necessita? E' ainda o sr. Ernesto Mann quem responde, lembrando em primeiro lugar que uma das decisões mais importantes já foi tomada: a Associação Comercial de Guaira decidiu se organizar para aplicar os 50% do imposto de renda a que tem direito pela lei de estímulo ao turismo. Objetivo: construir um hotel com 120 apartamentos de luxo. O capital já foi levantado e logo o projeto aprovado entrará em execução.

Os planos de melhoramentos incluem a modernização das instalações nas Sete Quedas, com a implantação de meios capazes de oferecer absoluta segurança e conforto ao turista. O que significa não muita coisa em relação ao já existente, a não ser em termos de cuidado e manutenção.

As pontes das Sete Quedas serão estendidas em toda a sua amplitude, possibilitando visitas mais prolongadas e um melhor ângulo para tirar «aquela» fotografia que irá parar no álbum de família. Serão construídos, também, mirantes e abrigos em diversos pontos estratégicos das ilhas.

Uma idéia sensacional é a instalação de um bondinho, tipo Pão de Açúcar, para levar o visitante por uma viagem aérea sobre as quedas. O plano já existe e não custa tão caro como os homens da Embratur possam imaginar.

Outro projeto ótimo é a ligação dos Saltos com a cidade por uma linha férrea «de mentirinha» de 4 km, com locomotiva e vagonetes «belle époque», exclusivamente para turistas.

Uma boate flutuante, com restaurante, para que os turistas possam dançar e comer vendo o luar refletido sobre as águas do Rio Paraná é coisa projetada há bastante tempo, dependendo apenas de verba.

Como depende apenas de verba a construção de modernos «play-grounds», casino e outros meios de diversão, inclusive a apresentação de autênticas cerimônias indígenas e de orquestras típicas.

Mas esses planos continuarão no terreno dos sonhos enquanto:

1. O administrador do Parque Nacional não for uma pessoa que more em Guaira.
2. As verbas do Parque continuarem amarradas pela burocracia.
3. A Embratur não se decida a fazer investimentos em Guaira.
4. O novo aeroporto permaneça inconcluído e não haja linhas comerciais para São Paulo e Curitiba.

Falta ainda muita coisa. Mas isto basta para fazer de Guaira um dos mais importantes (e lucrativos, para o Governo federal inclusive) centros turísticos do país.

A verdade é que já existe muita boa vontade e esforço por parte dos homens de Guaira. E que o Governo estadual está fazendo tudo o que pode para auxiliá-los, dentro de suas possibilidades. Porém, enquanto as repartições federais, que têm todos os controles sobre o desenvolvimento de Guaira permanecerem inertes, o esforço só terá rendimento parcial.



Apesar de tudo, há vários hotéis de primeira categoria, que oferecem todo o conforto ao visitante. Em cima, o Palace Hotel. Embaixo, a Vila Militar, com casas amplas e confortáveis, que abrigam oficiais da 5ª Cia. de Fronteiras.



A CAPITANIA DE PARANAGUÁ

SAMUEL GUIMARAES DA COSTA
(Especial para NP)



A existência da Capitania de Paranaguá, criada em 1660 e extinta em 1710, com uma duração surpreendente de cinquenta anos, constitui um acontecimento histórico que causa perplexidade para quem, com um mínimo de noção do que foi o período colonial, sabe o quanto os monarcas portugueses eram prudentes na instituição de governos próprios em sua vasta e semi-ignorada conquista da América.

Realmente, causa estranheza que a Metrópole tenha, em época tão remota, elevado Paranaguá à categoria de sede de Capitania ou permitido que seus donatários no Brasil se permitissem conceder tamanha honraria para um pedaço mal habitado e quase desconhecido da costa sul da nova colônia. Nêsse sentido, é importante considerar que a Capitania de São Paulo só foi criada em 1710, portanto, depois da de Paranaguá, que à primeira depois ficaria subordinada nos quase cento e cinquenta anos que se seguiram.

Mas há uma razão para explicar essa anomalia da história. É que Paranaguá foi talvez o primeiro ponto da colônia portuguesa onde explodiu a notícia da existência de ouro — que era a longamente esperada

expectativa das autoridades portuguesas, oneradas até então com a manutenção e defesa das terras descobertas há um século atrás pelo Almirante Pedro Alvares Cabral. Salvador Correia de Sá e Benevides veio do Rio de Janeiro para constatar a novidade.

A notícia das minas não era rebaste falso, mas não tinha, como se demonstrou depois, a importância que se esperava. Foram necessários cinquenta anos, numa época de comunicações difíceis, para que a Metrópole dissesse se convencesse. E a Capitania de Paranaguá acabou sendo um ato malgrado, do qual se guardaram vagamente os nomes de cinco governantes, dos quais somente o primeiro passaria à história com expressivo relêvo: Gabriel de Lara. Os demais — Thomaz Fernandes de Oliveira, Gaspar Teixeira de Azevedo, Francisco da Silva Magalhães e João Rodrigo França — se perderam na poeira dos arquivos, sabendo-se do último que faleceu em 1715 deixando considerável fortuna como dirigente de lavras de ouro em Paranaguá e Curitiba.

A Capitania inteira, cujos domínios imprecisos se perdiam para o interior ao longo das quarenta léguas de

costa (que começava 12 léguas ao sul da ilha de Cananéia, doadas a Pero Lopes, irmão do ilustre Martim Afonso de Souza), teria naquele tempo mais de dez mil habitantes, isolados e dispersos de permeio com tribus carijós, habitantes pré-cabralianos da região.

Extinta em 1710, a verdade é que essa remota Capitania iria constituir, segundo Altamirano Nunes Pereira, fato notável para a definição política do território, fazendo nascer com êle o "espírito autonomista que mais se acentua no século XVIII e vai criar a Província do Paraná no século XIX".

Curitiba surge em 1660 e Castro em 1704, quando uma segunda corrente de povoadores alcança o planalto paranaense, através do vale da Ribeira, por onde se iriam fixar em Curitiba os primeiros povoadores integrantes do grupo de Baltazar Carasco dos Reis.

O território paranaense foi Ouvidoria, com sede em Paranaguá, de 1723 a 1812, fazendo parte de sua jurisdição as vilas marítimas de Iguape, Cananéia, S. Francisco, Desterro (depois Florianópolis), Laguna, com Curitiba e Castro, no planalto. Em 1747, Carta Régia determinava que



Gravura antiga representando Paranaguá ao tempo do Brasil Colonial.

o Ouvidor de Paranaguá passasse ao Rio Grande e que ali criasse uma vila, dividida de Curitiba pelo sertão de Serra Acima. Dois anos depois começou a se desagregar o imenso território da Ouvidoria de Paranaguá, que ia de Iguape ao Rio da Prata.

Foram dezesseis os titulares da Ouvidoria, o último dos quais, já então Ouvidor da Comarca de Paranaguá e Curitiba, em 1824, foi o dr. José Werneck Ribeiro de Aguiar, que casou em Curitiba com D. Ana de Sá Sotomaior, filha do cel. Inácio de Sotomaior, e mais tarde seria desembargador da Relação na Bahia e da Casa de Suplicação do Rio de Janeiro, isto é, a mais alta corte de justiça de seu tempo.

Alguns desses ouvidores foram homens ilustres, que se integraram ao meio paranaense e defenderam com denodo os interesses da população local. Alguns, porém, se notabilizaram pela incúria e improbidade, como é o caso do dr. Antonio de Carvalho Fontes Henrique Pereira, de quem o Governador de São Paulo Franca e Horta disse ter lhe dado "decisivas provas de sua ignorância e insuficiência", acrescentando que

"não se nega a aceitação de ofertas avultadas, e pelos fatos que me tem sido presentes a este respeito devo justamente concluir e asseverar a V.S. que é nenhum o seu desinteresse e limpeza de mãos". Já então as seduções do poder produzem dessas fraquezas humanas.

A fuga da família real, em 1808 para o Brasil e a elevação do Rio de Janeiro à categoria de capital da monarquia portuguesa, reacendeu na então Comarca de São Paulo o sentimento autonomista.

Explorando esses sentimentos, de fundas raízes históricas, um distante neto de Salvador Correia de Sá e Benevides soube habilmente invocar em seu favor os discutíveis méritos de seu avô que, em 1660, teria facilitado a fundação da efêmera Capitania de Paranaguá. Esse "sujeito sábio e prudente", como a si mesmo se intitulava, foi Pedro Joaquim de Castro Correia e Sá, que servira como ajudante de ordens de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara no governo da Capitania do Rio Grande do Sul e que divisava, na emancipação da Comarca de Paranaguá, a perspectiva de dirigir uma nova Capitania.

A semente não era lançada em mau terreno. O reconhecimento de que as terras ao sul do Paranapanema podiam formar uma capitania independente, separada da de São Paulo, germinava na própria consciência dos governantes paulistas, a começar por D. Luiz Antonio de Souza Mourão que, em 1773, se preocupava com a abertura dos campos de Guarapuava para povoar "aquela dilatadíssima província, que pode ser, segundo afirmava, outra nova capitania..."

Na verdade, o que o Governador da Capitania de São Paulo tinha em vista era criar no planalto paranaense uma nova frente de poder constituído com vistas a vigiar as fronteiras do extremo sul, sujeita à invasão espanhola para reconquista de um território que os bandeirantes haviam subtraído aos seus domínios. Já então o Paraná se delineava como território-tampão, estrategicamente situado na parte meridional da Colônia.

Era, contudo, um fator a mais a se somar aos sentimentos locais autonomistas, alimentados pelo saudosismo teimoso do governo próprio que a Capitania de Paranaguá enraizara na memória do povo.

Fotografou e escreveu ADHERBAL FORTES JÚNIOR

DE COMO CAÍ NO MAR DE E TEMI A CASCAVEL DE 12



LAMA GUIZOS

13h25m. Até há pouco, havia uma vaga esperança de encontrar, lá em frente, um restaurante mais ou menos limpo, comida decente e muita água mineral gelada.

Agora não. Estamos — o Aristeu, o Oédes e eu — irremediavelmente atolados neste barreiro de duzentos metros, rodeado de mosquitos e milharais. Há mais de 800 quilômetros eu deixei Curitiba e não vejo a mínima possibilidade de voltar.

O mundo é mau. Penso na "Proclamação do barro", um livro de Fernando Mendes Vianna que ganhei, do Roberto Veloso, em pleno asfalto da "boca maldita".

"Proclamar a côr da terra, proclamá-la, conclamando o barro desta estrêla, sitiado pelo sangue e pelo escarro".

Sinto sede. Provavelmente vou morrer de sede. Ou de fome. Ou atacado por uma cascavel de 12 guizos. Ou vítima da Doença de Chagas. (Há muito bicho barbeiro aqui?). Ou esquistossomose, febre amarela, anemia profunda. O importante é morrer logo.

— Vamos empurrar.

O Aristeu tomou a iniciativa e, em pouco tempo estamos todos — há mais dois caboclos que vieram ajudar — com as pernas enterradas na lama mole, tentando arrancar o Volks dali.

— Faz um carreiro do lado.

O caboclo (êle é de Governador Valadares, veio não faz cinco anos e já tem seus cinco alqueires para plantar) roça o lado da estrada, conseguimos jogar o carro para lá. Mais força. Mais lama na roupa, nos sapatos, nas mãos, no rosto. Mais dez metros. Af há um barulhão no motor e os 36 cavalos entram em greve geral.

— Me empresta êsse negócio de matar mosquito.

Não adianta. O mosquito escapa do jato de inseticida e volta a atacar. Faz calor. A sede aumenta. Estamos há meia hora no carro, aguardando o Oédes, que foi buscar reforços. Mas dá para continuar. Lá para cima, onde as árvores fa-

zem sombra é possível continuar o levantamento de assuntos adequados ao momento. Guaratuba é melhor que Caiobá? O sertanejo é sobretudo um forte? Etecêtera.

— "tarde...

Outro mineiro. Também é de Governador Valadares. Por sinal, tio do primeiro. Não se dá com o filho, um péssimo caráter. Já teve duas mulheres. Uma ajudava no trabalho; outra só queria comer a comida dêle. Conversa de mineiro é tranquilizante. Até a sede diminui. Mas é triste ver o Volks lá embaixo, um mar de lama em volta. Ferido em sua parte mais sensível (satélite, descobri depois).

Vários carros chegaram, olharam e pararam. Quem tem jipe vai em frente. Passa bem, na reduzida. Mas um catarinense de Volks quis passar também e ficou. Bem, já são dois. O nosso e o dêle. Agora não há jeito de passar. Só nos tirando dali.

Um cidadão ataca o prefeito, outro critica o governo estadual. Terminam concordando que o culpado é o governo federal. É o mundo.

Agora há pelo menos uma duzia de carros na expectativa. O catarinense insiste, mas não tem mais bateria. Pego a máquina fotográfica e apanho o cara em flagrante, lutando ingenuamente para sair. Que é isso, companheiro? Tá pensando que a lama do Paraná é sopa? Carros de Curitiba, Maringá, São Paulo estão ali. Chega o socorro, um mecânico e uma porção de ajudantes. Vão lá, olham, dão a partida, ouvem o barulho, decidem que é preciso gente muito competente para resolver aquilo.

Nessa altura quem estava esperando resolveu agir. Apareceu uma corda para rebocar os dois Volks, o catarina para lá, nós para cá. Um jipe concordou em nos levar até a próxima cidade. De repente, sinto que estou num carro em movimento e há uma imensa reta pela frente. Os passarinhos cantam, um cara me garante que tem água mineral, coca-cola e até sorvete lá. Hoje à noite tomo um banho, ponho roupa limpa e vou ver um luar lindo de morrer.

— O mundo é bom, Aristeu.



TERRA ROXA

A VITÓRIA DO PROGRESSO

O prefeito Vinício Tortato Sobrinho, de Terra Roxa, ao assumir o cargo recebeu uma pesada missão: construir uma cidade. Apesar de ser um dos municípios mais ricos da região Oeste, pela sua grande produção agrícola, Terra Roxa sofreu as conseqüências da polarização de investimentos públicos em Guaira e com as sobras mal conseguiu edificar um arremêdo de cidade. Com a administração Tortato veio uma dupla modificação: primeiro, a dos investimentos públicos, que passaram a ser melhor distribuídos, graças à reforma tributária; segundo, a da administração municipal, que passou a ser feita em termos objetivos, mas sem empirismo, nem preocupações demagógicas. «Uma boa administração deve realizar aquilo que o povo precisa, e não o que o povo quer» — costuma dizer Vinício, o primeiro homem a se preocupar com problemas como o planejamento global, levantamento altimétrico e planimétrico da cidade e a criação de um mecanismo executivo à altura da tarefa que se propõe a realizar. Por isso, sente-se em Terra Roxa, hoje, uma coexistência dos velhos padrões administrativos — legado do passado — com o dinamismo dos novos responsáveis pela administração municipal. A vitória de um ou de outro é que decidirá o futuro da cidade e de seus habitantes. Mas quem conhece bem a capacidade de trabalho do prefeito e de sua equipe não duvida de sua vitória — que é a vitória do progresso e do idealismo.



O prefeito Vinício Tortato Sobrinho é o grande responsável pelo "rush" desenvolvimentista que começa a ser sentido em Terra Roxa. Depois de dedicar-se a fundo para equipar convenientemente a Prefeitura, conseguiu semear grupos escolares em todos os pontos do Município. E agora lança-se à empreitada maior, que é a urbanização e o saneamento da cidade. Sua administração é um exemplo da mentalidade jovem e dinâmica que domina a maioria dos municípios do Norte e Oeste paranaenses.



Todos os dias, a população encontra uma cidade modificada, com novos melhoramentos introduzidos nos mais diversos setores. O ritmo de crescimento urbano de Terra Roxa é um dos mais altos do Estado.

SÓ COM PLANEJAMENTO E MENTALIDADE TÉCNICA É POSSÍVEL CONSTRUIR AS BASES DO CONFÔRTO E BEM-ESTAR

Venício Tortato não teve grande dificuldade em eleger um programa de obras prioritárias ao assumir o cargo de prefeito: é que todas, absolutamente todas, eram prioritárias. Terra Roxa não tinha estradas, nem luz, nem água, nem escolas, nem planejamento urbanístico. Foi assim que ele convocou uma equipe também jovem e decidiu administrar abrindo simultaneamente dezenas de frentes de trabalho em todos os pontos do Município. Os resultados já começam a aparecer em termos de obras públicas. Mas o sucesso mais importante foi a modificação da mentalidade e a criação de uma infraestrutura executiva capaz de enfrentar a gigantesca tarefa.

Na hora de fazer o levantamento dos problemas municipais, foi exatamente isso que apareceu com maior relevo: o total desaparecimento da Prefeitura para enfrentar sua tarefa. Desde a organização burocrática, até a aquisição de material adequado à conserva das estradas, tudo foi feito no primeiro ano de administração.

E — o que é mais importante — os problemas municipais passaram a ser equacionados dentro de um critério técnico, os projetos apareceram, todos elaborados em padrões científicos, o levantamento mostrou o caminho certo e lógico a seguir.

A EXPLOÇÃO DEMOGRÁFICA

«Aqui nós não podemos nos dar ao luxo de pensar só no presente — costuma dizer o prefeito Venício Tortato. Temos, acima de tudo, que pensar no futuro».

É verdade, o explosivo crescimento demográfico do Município torna superada qualquer obra que não seja executada para 20 ou 30 anos. E esse crescimento se deve, essencialmente, ao próprio tipo de colonização da região, num regime de minifúndio, mas com terras excepcionalmente produtivas. Nesse regime, milhares de pessoas se tornaram proprietárias de pe-

quenas áreas de terra, variando em torno de 5 alqueires. E quem tem terra, planta. Quem planta, colhe. Quem colhe, vende. Quem vende, tem dinheiro. Muitos desses proprietários de 5 alqueires já tem seu jipe ou camioneta. E querem dar uma boa educação a seus filhos. Aí surge o primeiro problema grave: o escolar.

ESCOLAS EM MASSA

Em Terra Roxa, devido ao incessante crescimento da população em idade escolar, quase se pode dizer que governar é construir escolas. Pelo menos, assim foi no primeiro ano de administração de Venício Tortato. Em apenas 12 meses ficaram prontas 15 casas escolares e grupos, na sede e na zona rural, que abrigam hoje 6.200 alunos, havendo mais 200 que estão estudando no ginásio. E o crescimento da população escolar nunca é inferior a 20% de um ano para outro. Há

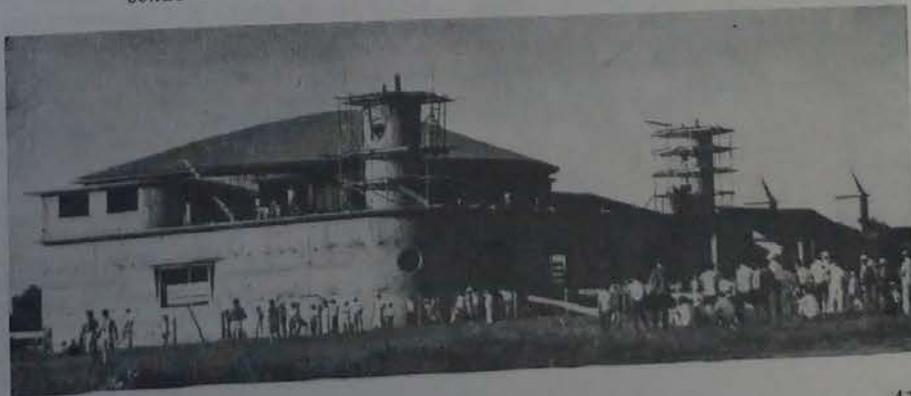
necessidade de muitas professoras. Como o Estado só paga 16, a Prefeitura foi obrigada a empregar outras 82.

Com o primeiro «rush» de construções escolares, Terra Roxa supriu a falta de vagas existentes e ainda deixou margem ao crescimento do número de alunos. Num segunda etapa, serão concluídas várias obras importantes, já em fase de execução ou planejadas, de maneira a deixar o Município com uma sensível vantagem sobre seus vizinhos.

ESTRADAS, UMA CALAMIDADE

É ponto pacífico até para quem não gosta do jeito do prefeito Venício Tortato administrar que, quando ele assumiu a Prefeitura, a rede de transportes do município estava em estado verdadeiramente calamitoso. Quase 800 km de vias — dos quais apenas 25 km atendidos pelo DER. Como o Município não dispunha de equi-

A cidade que cresce mostra, no magestoso templo, a gratidão pela pujança do solo, pela beleza da paisagem e — sobretudo — pela integração entre a natureza e o homem. A igreja de Terra Roxa é uma obra de grande porte, que está sendo construída graças à colaboração de toda a população.





A ampliação deste grupo escolar, na sede, possibilitará a triplicação de seus alunos. Em Terra Roxa, foi plenamente atingido o objetivo da administração de não deixar uma só criança sem escola. A foto de baixo é uma vista das obras de ampliação.

QUINZE ESCOLAS FORAM CONSTRUIDAS NOS PRIMEIROS DOZE MESES DA ADMINISTRAÇÃO VINÍCIO TORTATO SOBRINHO

pavimento pesado, na época das chuvas as estradas ficavam inteiramente intransitáveis, retendo a produção em sua origem, com graves prejuízos para a economia. E o problema era tanto mais grave quando se sabe que a erosão agrava o estado dos leitos.

A solução foi mecanizar todo o equipamento municipal, mediante a aquisição de motoniveladora, trator de esteira, pá-carregadeira, caminhão basculante. Todo o sistema viário de Terra Roxa foi refeito, quilômetro por quilômetro, reabrindo caminhos impossíveis de ser usados anteriormente e colocando em boas condições de tráfego os demais.

«Atualmente — afirma o prefeito — estamos em condições de enfrentar qualquer problema no setor de transportes. Inclusive o alargamento das atuais rodovias e o aperfeiçoamento das ligações principais, na direção dos centros consumidores de nossa produção».

SANEAMENTO, O QUE NÃO APARECE

Desde o primeiro dia da administração Vinício Tortato, a questão do saneamento esteve em primeiro plano. Isso, devido à elevada incidência de verminose e doenças afins. Para a construção da rede de abastecimento de água, já foi realizado o levantamento altimétrico e planimétrico de

Terra Roxa, que o prefeito considera a base de qualquer trabalho.

«Sem isso, o que se faz é empirismo, é retrocesso» — diz ele, acrescentando que o projeto da rede está quase pronto e os pedidos de financiamento encaminhados ao Departamento Nacional de Obras e Saneamento e à Sudesul. O projeto inclui levantamento da captação, próximo à cidade, caixa de água, rede de distribuição, tudo dentro de critérios rigorosamente técnicos e executado por engenheiro do Departamento de Geografia, Terras e Colonização.

«Veja como são as coisas — conta o prefeito Vinício Tortato: «Se eu recorresse à Sanepar, o projeto ia custar ao Município 16 mil cruzeiros novos. O DGTC fez de graça. E é necessário também o projeto sócio-econômico. Igualmente o DGTC realizou de graça, quando sairia por 10, 12 mil cruzeiros novos. São aí, uma economia de quase 30 mil cruzeiros novos, que podem ser empregados em cimento, encanamentos e mão-de-obra.»

É certo que no dia em que a água jorrar das torneiras de Terra Roxa, tratada e controlada a incidência de verminose e males paralelos cairá verticalmente. Mas falta ainda alguma coisa no setor de saúde. O posto de saúde não veio até agora e o posto de assistência à maternidade e à infância necessita ser reaberto. É mais outra meta prioritária, numa cidade onde praticamente tudo é prioritário.



Por todos os lados foram construídos grupos escolares no primeiro ano da administração do prefeito Vinício Tortato. Este, resultado de convênio entre a Prefeitura e o Geplanpar, é de alvenaria e terá duas salas de aula.

ELETRICIDADE E COMUNICAÇÕES

Embora a Copel já tenha recebido 100 milhões de cruzeiros para dar início à ligação de Terra Roxa com a rede de Guaira, até agora nada foi feito. Enquanto espera, a Prefeitura estuda também outras soluções, inclusive a construção de uma rede própria, já desaconselhada do ponto de vista técnico, mas que pode se tornar necessidade imperiosa se o Estado não cuidar desse setor fundamental do desenvolvimento do município, que, como tantos outros da região, quer entrar já na fase de industrialização em grande escala.

Felizmente, no setor das comunicações está tudo bem encaminhado. A Telepar depende apenas da construção de um prédio em Guaira para instalar ali uma estação receptora de microondas. E Terra Roxa entrará em ligação com ele através de uma linha física de pouco mais de 20 quilômetros. Tudo nos próximos 12 meses.

AS BOAS SOLUÇÕES

Quase tudo, em termos de desenvolvimento, depende de saber encontrar as soluções certas. Como a questão do combate à erosão. A Prefeitura estimulou a fundação de uma fábrica de tubos particular, que abastecerá inteiramente suas necessidades.

Dentro do mesmo espírito, está em funcionamento — esta de propriedade municipal — uma fábrica de meio-fio. Feitos em moldes, os meios-fios pré-fabricados representam muita economia e um sensível aceleramento no ritmo do trabalho de urbanização — todo ele planejado para que até o fim de seu mandato possa o prefeito entregar à população uma cidade calçada e arborizada.

Outro problema que está sendo solucionado na base da coragem é o do hospital municipal. A Prefeitura em breve abandonará seu prédio, passando para novas e modernas instalações. E dispõe-se a remodelar a antiga sede — que já foi um hospital — para que possa novamente servir a essa finalidade. O médico que assumir a direção terá uma série de vantagens em troca de assistência gratuita aos necessitados.

ICM, O MILAGRE

A grande mola motora de todo esse surto de desenvolvimento em Terra Roxa

— como em quase todos os municípios paranaenses — tem apenas três letras: ICM. Graças ao Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e à reforma tributária, o orçamento do município passou de 100 milhões em 1966 para 590 milhões em 1968. Um aumento de quase 600%. Com o IVC antigo, o município arrecadou apenas 5 mil cruzeiros novos em 1966. Com o ICM, vieram 120 milhões em 1967. Além de outras retribuições previstas na reforma tributária, como o Fundo de Participação dos Municípios, a cota municipal sobre o imposto de combustíveis e lubrificantes, o fundo rodoviário e alguns itens mais, que representam cerca de 300 mil cruzeiros novos anuais.

É por isso que o prefeito Vinício Tortato e a esmagadora maioria de seus colegas, que vêm agora seus municípios florescendo, insistem em afirmar:

«O ICM é nossa conquista irreversível».

E O FUTURO COMO SERÁ?

O prefeito Vinício Tortato encara com tranqüilidade e otimismo os próximos anos de sua gestão.

«Quando concluirmos nossa tarefa, todas as estradas do município terão sido alargadas e melhoradas. Por vinte anos não será preciso mexer nelas, porque não faço nada na base do empirismo. É provável que já se tenha tomado uma decisão sobre a construção da BR-272, que nos ligará com Campo Mourão e com a rede de estradas asfaltadas. Teremos bastante energia elétrica e, em consequência, será possível instalar indústrias de transformação dos produtos agrícolas produzidos no município, retendo maior soma de riqueza aqui mesmo. Teremos mais de 10 mil crianças matriculadas em escolas primárias, cerca de mil no ginásio, nenhuma sem escola. Teremos água encanada, hospital, boa parte da cidade calçada e arborizada, teremos mais conforto, bem-estar e — sobretudo — muita tranqüilidade quanto ao futuro».



A R-1 é uma estrada municipal que liga Terra Roxa ao Pôrto Sinop, servindo a uma área intensamente povoada de cafezais. O município na atual administração já construiu 14 pontes e abriu, alargou ou conservou cerca de 600 km de estradas.



A aquisição de moderna maquinaria permite à Prefeitura acelerar o prazo de execução de suas obras rodoviárias e ampliar o programa para este ano. Além de investir 120 milhões nesta motoniveladora, possui caminhão basculante, pá carregadeira, trator de esteira e veículos auxiliares. Em relação à demanda de serviços está entre as mais bem equipadas do Paraná.



A fábrica de tubos de Terra Roxa é um exemplo de integração entre capitais públicos e privados, na procura do desenvolvimento municipal. O programa de saneamento será grandemente barateado graças a ela. A fábrica de meio fio (foto abaixo), veio facilitar a execução do plano urbanístico. Quer barateando o material, quer tornando-o mais homogêneo e vistoso, a fábrica está funcionando para o progresso da cidade.

O milho aparece como uma das maiores fontes de renda de Terra Roxa, com suas 300 mil sacas de produção nesta safra. Mas não menos importante é o café, com 150 mil sacas, a soja, também com 150 mil sacas, o feijão, com 20 mil sacas (houve quebra de safra este ano), o arroz, com 50 mil sacas, o algodão, com 200 mil arrôbas, o amendoim, com 60 mil sacas. Para não falar nas 20 mil cabeças de gado e nas 100 mil cabeças de suínos. Toda essa produção vem das 7.500 propriedades agrícolas espalhadas pelo Município.

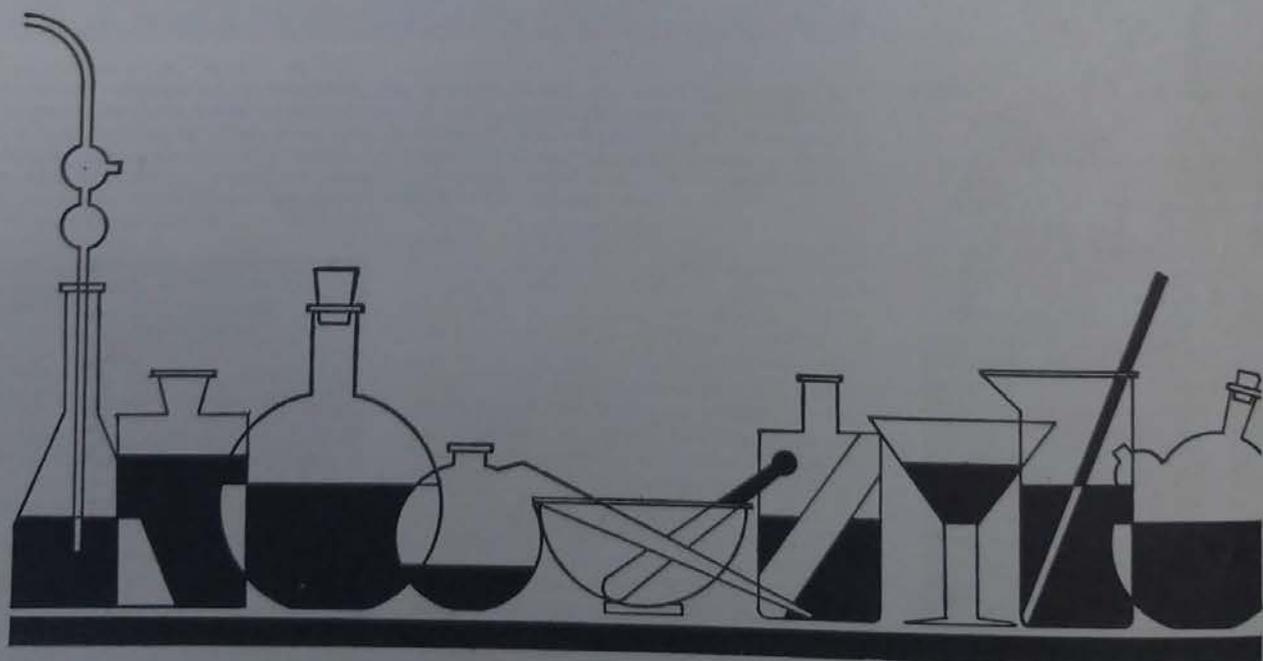


DROGARIA MORIFARMA

**UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ**

MATRIZ: MARINGÁ

**FÍLIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEI-
RO D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI
E NOVA ESPERANÇA**





Paraiso em tempo de festas: o prefeito Jaime Lemes de Toledo e o seu colega de Paranavai, José Vaz de Carvalho, na inauguração do Pósto de Combate à Verminose, juntamente com o deputado da região Wilson Fortes. Foram inaugurados ainda, a 27 de novembro: o "Bosque Camilo Bueno Pimentel", da Prefeitura, e a agência do Banco do Estado.

PARAÍSO na hora do planejamento

A substituição das lavouras tradicionais — café, principalmente, mas também algodão e amendoim — pelas pastagens, fenômeno comum à região do arenito de Caiuá, é um fenômeno que está despertando as lideranças da região para o planejamento e a programação de suas economias. Paraiso do Norte é uma dessas cidades sensibilizadas para esse tipo de luta, que mostra o estágio evoluído das preocupações municipais.

O prefeito Jaime Lemes de Toledo e o presidente da Câmara, Clóvis Amaral, têm enfatizado a questão e mostram que ao lado do que se faz — no âmbito local através da Prefeitura e do Estado — é preciso uma programação de fôlego que oriente as economias daquelas áreas em que há crescimento vertical da pecuária.

«Trata-se apenas de uma questão de produtividade: precisamos conhecer a alternativa que dê mais frutos e desenvolva mais. Não é a substituição que alarma. Mas a constatação de que os problemas da agricultura continuam os mesmos e o aviltamento dos preços também interfere nessas mudanças — afirma Clóvis Amaral.

O prefeito lembra que é preciso ter um domínio seguro sobre essas modificações

e cita o exemplo do fenômeno ocorrido com a ocupação territorial e a devastação das matas: «tínhamos há treze anos 22 serrarias, hoje elas são apenas 4». Defende a tese de que o município deve, o quanto possível, manter os controles de tais mudanças, embora se trate de coisa complexa e que depende também de uma ação integrada com os governos estadual e federal.

Paraiso tem seus principais produtos no café, algodão, amendoim, soja, feijão e citrus. Erradicação, geada e aviltamento de preços na agricultura fizeram crescer a pecuária, no que a cidade vai se destacando. Sua industrialização já é considerável se levarmos em conta que a energia da COPEL só chegou no fim de novembro. O surto industrial será imediato, ampliando consideravelmente o parque existente constituído de 10 cerâmicas, 4 serrarias, dezenas de unidades de beneficiamento de café e arroz.

O prefeito muito se bateu para que o sistema da COPEL servisse a região. Com a proximidade do asfalto Maringá-Paranavai ele considera que o básico já está encaminhado, faltando a ligação tam-

bém em asfalto da estrada até a sede. Por sinal que o empenho de melhorar as condições urbanas é acentuado. O Bosque «Camilo Bueno Pimentel», inaugurado nas festas dos 12 anos, é uma prova desse interesse como o são também as operações de arruamento, ajardinamento e arborização. Já fez concorrência para a construção de galerias pluviais e pavimentação asfáltica. Como tem 140 quilômetros de estradas para zelar, efetuou reparos e renovou o equipamento da Prefeitura. Está presentemente gestionando, junto ao Banco Nacional de Habitação, a construção de 56 casas populares. Cooperou na construção das instalações da Telepar, com o que a rede telefônica de 100 automáticos será ampliada e se ligará a todo o Estado.

A Prefeitura atua, pois, em todos os «fronts». Na comemoração dos 12 anos a cidade ganhou uma agência do Banco do Estado e um Pósto de Combate à Verminose e nesses empreendimentos, como no da ligação da luz e instalação da Comarca há a presença do prefeito e da comunidade, empenhados em fazer de Paraiso um importante centro de decisões da economia do noroeste.

TÉRCIO

veio em segundo
mas muitas
vezes chegou
em primeiro

— E o turismo?

Perguntamos a Tercio Cunha Costa, proprietário do bar e restaurante Icarai na sede do Parque das Sete Quedas, como ele encara o desperdício daquele potencial da natureza.

O homem vai até a sua eletrola, coloca uma fita gravada e a reportagem ouve três vozes conhecidas: a do senador Ney Braga, a do governador Paulo Pimentel e a do deputado Anibal Khoury. Tercio, dotado de memória excepcional, pois recorda fatos ocorridos há mais de trinta anos, faz questão de mostrar aquela gravação como testemunho de um compromisso dos políticos, principalmente do governador.

Com aquele entusiasmo e otimismo, que não se modificam, lá vem o depoimento de Pimentel: conta que esteve com o presidente Costa e Silva e que o asfalto de Umuarama para Guaira «aquil estará em 1970» e diz, também, que até o fim do seu mandato o Paraná será o segundo Estado do Brasil em turismo com as Sete Quedas assumindo o lugar que lhe cabe.

— Confio no governador, no vigor e na juventude do seu pronunciamento. Isso é um alento para quem vive diariamente o drama do turismo nesta maravilha da natureza.

Tercio Cunha Costa é hoje um homem comprometido com o futuro das Sete Quedas como centro turístico, mas suas raízes estão fincadas na atividade agropecuária, onde foi autor de várias façanhas na administração de fazenda em Goio-Erê, inclusive como um dos introdutores da menta na região.

— O apêlo veio desde a meninice. Meu bisavô Miguel Custódio da Cunha foi um dos maiores cafeicultores do Brasil. Em São Paulo aprendi os afazeres do campo que me deram base indispensável para o conhecimento das técnicas e a fazer experimentos na obtenção de maior produtividade, seleção de variedades, meios de combater pragas, etc.

PECUARISTA E INVENTOR

Tercio — Isso ele gosta de lembrar — foi o segundo filho apesar do nome. E

em tenra idade deixou sua cidade natal, Viradouro, indo para Nova Granada, onde começou seus estudos que prosseguiram em Lins. O pai, farmacêutico, deixou nele um vestígio profissional: o seu gosto pela observação, pelo experimentalismo e até pelas invenções.

Em junho de 1951, por exemplo, fez uma adaptação para a boca de saída da olaria, à base de feltro de chapéu, o que evitou que os tijolos ficassem «arrepiados». Na pecuária bateu-se pela descorna do gado como medida econômica no transporte: numa gôndola cabem 25 cabeças contra 18 apenas. Também fala sobre three cross: o cruzamento de três raças, iniciado com nelore e holandês vermelho e branco e o produto é cruzado com Devon ou Red Poland. Dá um resultado excepcional.

— Para dar banha, só se mata o porco em lua cheia ou quarto crescente. Isso é uma sentença com jeito de lenda, mas verdadeira, pois acho que muitas das noções difundidas oralmente pela tradição precisam ser revistas. E' preciso ver se há fundamento científico no folclore e nada melhor do que a observação para testá-lo.

Conta, então, que das suas observações aprendeu uma coisa importante relativamente à menta: cortada depois do meio dia dá 2 ou 3 quilos por pipa, 5 metros cúbicos de rama. «Isso tem fundamento em botânica, pois a planta sofre a influência solar e com o calor e a evaporação ela rende mais óleo.»

Na mesma ordem de raciocínio pergunta: «Por que se aceita como uma lei a baixa produção do chamado feijão da seca? Pois fui conferir essa questão e no microscópio vi a folha da leguminosa tomada por centenas de bactérias. Feito o polvilhamento com qualquer inseticida o mito desaparece junto com as pragas.»

Agora em Guaira, está aos poucos entrando nos mistérios da pesca, do regime de águas do Paranasão e do turismo. Já está fazendo os confrontos entre a sabedoria popular e o científico. Uma conclusão: «é correta a noção de que há abundância de peixes nos meses que levam «r», o que serve para orientar mercado de produção e de consumo.»

Faz o que pode pelo turismo. Dá assistência aos visitantes, consegue-lhes barcos

— tem 8, sendo que 3 motorizados — para passeios e pescarias, empresta-lhes equipamento de pesca e mostra-lhes os pesqueiros nas ilhas e encostas.

— O turismo depende do Parque Nacional que precisa funcionar de verdade. O administrador, nestes quase dois anos que aqui estou, só apareceu raramente.

O ORGANIZADOR

O turismo vai receber muitos benefícios da imaginação e do temperamento organizado de Tercio. Se repetir em Guaira o que fez nas estâncias e fazendas em que trabalhou como administrador. Na fazenda Boa Sorte, de Goio-Erê, como nas outras, habituou-se ao registro sistemático de ocorrências ligadas a temperaturas, chuvas, geadas, pragas. Lembra de cor a evolução pluviométrica: de 1º de novembro de 1962 a 31 de outubro de 1963 — 1.407 milímetros, nos períodos seguintes até 1965: 1.700,2 milímetros e 2.000,2 milímetros. Das geadas não esquece, a maior a 6 de agosto de 1963, com 5 graus negativos associados a 22 dias sem chuva. Recorda dos tempos em que se utilizava geradores de fumaça na guerra à geada e também na mitologia exagerada que se formava em torno das quedas de temperatura. «Tudo isso associado veio dar na política de erradicação que pessoalmente acho um absurdo nas áreas em que produz bem.» Como administrador sempre se ateve a gráficos de despesa e receita, organizou cooperativas de consumo para empregados, o que prova que apesar da sua memória jamais desprezou esses registros.

O SOLTEIRÃO

Assim é Tercio Cunha Costa, o administrador de fazendas, o pesquisador, o boêmio, o dono de restaurante. Um homem vivido — que começa agora a dominar os segredos da pesca e do turismo — e que faz a apologia do casamento apesar de solteiro: «eu queria casar rico e como em agricultura se costuma transferir muito as coisas para o outro ano e com elas os rendimentos, aqui estou solteiro.»



Tércio, agricultor, inventor, homem da música e boêmio, agora seduzido pelo turismo, como dono de restaurante em Sete Quedas, e também pela pesca organizada.



MÚSICA: DA CLÁSSICA À BOÊMIA

A rápida incursão pela música — 3º violino da sinfônica de sua cidade em 1937 — foi um elemento de apêgo à convivência boêmia com artistas. Lembra de noites com Albertinho Fortuna e Trio Nagô em 1961 e em 1957, no bar Pierrot, na rua Vieira de Carvalho, «Noite Ilustrada» — que não era aquela época ainda tão ilustre — cantou em sua roda.

— «Estou afastado da boemia, mas ainda volto.»

Quando pode dá um pulo a São Paulo, mas procura nas cidades onde se fixa formar o seu grupinho, a «roda» de música e papo bom. Versado em muita coisa, inclusive política (tem arquivos interessantes nos quais anota as contradições dos líderes, escrevendo à margem de recortes de revistas e jornais) é um bom papo, sem preconceitos. «Em música, topo tudo: velha guarda, bossa nova e ie-ie-ie.» Não esconde, porém, a preferência maior pelo tradicional.

MEMÓRIA & MUSEU

Gosta de guardar coisas. «Sou um conservador, as lembranças guardo na memória; objetos de estimação eu os conservo; muita coisa alegre, rodas de música com amigos, gravo na fita.» E como todas essas referências se ligam à passagem do tempo mostra um relógio que pertenceu ao seu bisavô, um cronômetro Financeiro de 1900. Outra jóia — uma rica peça artesanal, uma cafeteira de Batatais (lembra que Washington Luís e Altino

Arantes, ex-governador paulista também possuem exemplares) é motivo de recordações.

NÃO VENCEU A TIRIRICA

«De lavoura e pecuária só há uma coisa que não consegui vencer no duro: a tiririca. E olhe que lutei contra geada e fogo, saúva e pragas.» A tiririca é uma espécie de figuração do impossível. Entra em detalhes sobre como vê a erva: um metro de raiz e a cada 10 centímetros há uma batatinha, mata-se uma delas e o mecanismo de defesa funciona com as outras.

Conta de sua vitória sobre a saúva que infestava áreas destinadas ao plantio de eucaliptos. Plantou gergelin e mucuna preta, duas leguminosas, que devolvem à terra elementos físico-químicos. As formigas atacaram as duas plantas e deixaram em paz os três alqueires de eucaliptos que puderam desenvolver-se normalmente.



Se a sorte que acompanha Tércio funcionar no turismo como esteve presente nas lides agrícolas, Guaira não mais será um protesto líquido, com águas clamando na explosão contra as rochas. Será o 2º do País, como disse o governador e Tércio gravou.

MENSAGEIRO DA FORTUNA

Os amigos de Tércio em Goio-Erê costumam lembrar que o homem é uma espécie de talismã vivo, um mensageiro de fortuna: em cada região, por onde andou, sempre ocorreu um fato excepcional, geralmente nas lides agrícolas. Em 1940 estava em Lins, a cafeicultura estourou projetando o município como produtor; em 1953 em Garças aconteceu a obtenção de

unidade de maior produção. Depois em Goio-Erê veio o estouro da menta, maior produtor do País, o que é contestado por Barbosa Ferraz. Resta agora que em Guaira, Tércio forneça os bons fluidos — além do trabalho, da organização e da luta — para que haja a conquista do título mundial que aí lhe está mais próximo, quer no turismo, quer na produção energética.

Prefeitura do Município de Maringá
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL

A GATA DE TIA LUCY

Tia Lucy, diretora de um programa infantil na TV Coroados de Londrina, conhecida em todo o norte do Paraná, jamais gostou de gato. Mas ganhou uma gata siamesa, presente de uma senhora francesa residente em São Paulo.

Tia Lucy trouxe o animalzinho para Londrina e confessa que, de início, ficou um tanto aborrecida. Era o tipo da gatinha esnobe, xexelenta, além disso com certas exigências trabalhosas, principalmente no que se refere ao "menu". Vitaminas, xaropes, massas especiais. Éta gata enjoada!

Ocorre, porém, que, sentindo-se mais ou menos desprezada pela dona, a gatinha tomou a situação como desafio e insistiu com carinhos até conquistar inteiramente Tia Lucy, que hoje não troca nem vende o belo animal por nada deste mundo.

A siamesa tem, atualmente, cerca de cinco meses de idade. "É uma coisa linda de morrer", com o pêlo super-branco e ligeiros adôrnos marron-café. Mas o que mais fascina são seus olhos azuis, o que a torna bem superior às outras gatas de olhos verdes, com as quais não se mistura de jeito nenhum.

— Como é o nome dela, Tia Lucy?

— Bem... no pedigree, seu nome consta como "Santinha Fournier", filha de "Pedrinho Fournier". Mas eu não iria chamá-la de "Santinha", por isso ela ficou sem nome. Chamo-a de "Gata" mesmo. Só que é preciso saber a música com que se deve pronunciar seu nome. Tem de ser assim: "Gaaaattaa!", bem sonoro, bem suave. Se disser um "Gata" sêcamente, nem adianta, porque ela não dá atenção.

A siamesa tem também outra mania: gosta de conversar em francês e Tia Lucy está fazendo um cursinho especial para poder dialogar com a "Gaaaattaa"...

— Ela come rato?

— Veja lá! Apenas mata, mas não come. É, porém, dentro de sua árvore genealógica, a única que tem algumas liberdades, como, por exemplo, passear no terreno vizinho, caçar passarinho...

— E o passarinho, ela come?

— Come sim, mas é preciso a gente deparar, assar e colocar um tempêro bem a seu gôsto.

A gata de Tia Lucy é fanática por desenho animado de televisão. Mas quando aparece no filme um gato vira-lata, ela torce o focinho num ar de pouco caso, como quem diz: "A televisão vai mal, usando *gentinha* como artista..."

Para dormir, exige tapêto de veludo vermelho, certamente para contrastar com a elegância de seu pêlo super-branco com adôrnos marron-café. É uma gata inteligente, conscientizada, cheia de dignidade. Mas às vêzes abusa do direito de esnobar nobreza.

Estreou na televisão num programa do Frank Silva e depois disso apareceu muita gente para conhecê-la pessoalmente. Qualquer dia vai aparecer alguém pedindo seu "autógrafo"...

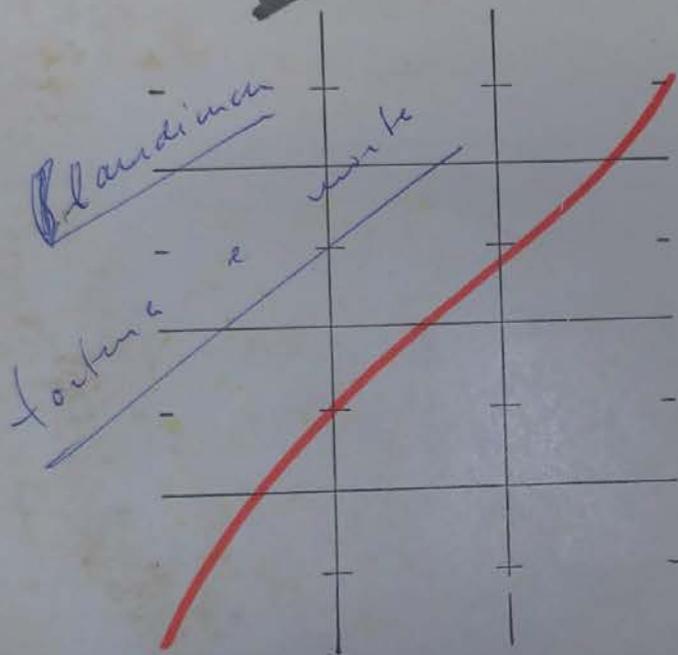
A gatinha de olhos azuis tem ainda a fama de dar sorte, principalmente para quem precisa estar permanentemente dialogando com o público: artistas, jornalistas, políticos. Tia Lucy está começando a acreditar nessa lenda, que no Sião é levada profundamente a sério. E quem vai duvidar de que gato siamês dá sorte?

Por outro lado, outra característica da raça é a classe para fazer pôse diante de máquinas fotográficas. Não são poucos os felinos siameses usados em publicidade, tal a impressão que causam a quem os vê. O bicho é bonito mesmo e não é à toa que estou torcendo para que aconteça o mais depressa possível a primeira ninhada da "Gaaaattaa". Um dos filhotes, segundo promessa solene de Tia Lucy, será para o Assis. Bravos!

COMPROVADA **RESISTÊNCIA**



DO CIMENTO **MARINGÁ**



Ensaio de resistência a compressão efetuados diariamente com o Cimento Portland MARINGÁ, apresentaram a seguinte média:

- 3 DIAS - 150 Kg/cm²
- 7 DIAS - 230 Kg/cm²
- 28 DIAS - 350 Kg/cm²

Início de pega - 2 horas e 30 min.

COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND

ESCRITÓRIO CENTRAL E VENDAS
RUA SÃO BENTO, 329 - 9.º
FONE: 33-3484
SÃO PAULO

FÁBRICA
ITAPEVA
FONE: 3
SÃO PAULO



2^a exposição-feira
governador paulo pimentel - nacional

4^a exposição-feira de animais e
produtos derivados em curitiba

16 a 24 | março | 1968
parque castelo branco

governo
do paranã
secretaria
da agricultura

